

# **Frank Lima, o poeta desconhecido da Segunda Geração da Escola de Nova Iorque**

**Catarina Almeida Janardo Pereira Santiago Costa**

**Trabalho de Projeto  
de Mestrado em Edição de Texto**

**Versão corrigida e melhorada após defesa pública**

**Outubro 2024**

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Edição de Texto realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Rui Barreira Zink

## **Agradecimentos**

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Rui Zink, toda a diligência, toda a paciência e todo o apoio que me deu ao longo da elaboração deste trabalho.

Muito obrigada à Sofia Perpétua pelo olho crítico e clínico sobre as traduções e à Luísa Pires Barreto pela paginação.

E obrigada à minha filha por existir. Foi graças a ela que apanhei este comboio.

*Poetry is the eye of the earth, all the rest is imaginary*

Frank Lima

## Resumo

O projeto consiste na tradução de Frank Lima (Nova Iorque, 1939-2013). As publicações de poesia de Lima incluem *Inventory* (1964), *Underground with the Oriole* (1971), *Angel* (1976), *Inventory: New & Selected Poems* (1997), *The Beatitudes* (1997-2000) e *Incidents of Travel in Poetry* (1998-2002). A obra que proponho traduzir é *Incidents of Travel in Poetry, New & Selected Poems* (2015).

A par da tradução, este trabalho procura ainda fazer um enquadramento histórico da sua obra e demonstrar a falta que faz uma publicação dos seus poemas em português. Diria mesmo que o mundo ainda não sabe que precisa de Frank Lima.

Lima é um autor não traduzido no nosso país e praticamente desconhecido no seu país de origem. Apesar desse véu de desconhecimento a que parece estar votado, a verdade é que foi reconhecido (e protegido) por poetas como Frank O'Hara e Kenneth Koch.

Classificado por alguns como um poeta da Segunda Geração da Escola de Nova Iorque, juntamente com nomes como Alice Notley, Ted Berrigan, Bill Berkson e Ron Padgett, poeta recusava, ele próprio, essa categorização.

**Palavras-chave:** Frank Lima; Segunda Geração da Escola de Nova Iorque; poesia; tradução.

## Abstract

The project consists of a translation of poems by Frank Lima (1939-2013). Lima's poetry publications include *Inventory* (1964), *Underground with the Oriole* (1971), *Angel* (1976), *Inventory: New & Selected Poems* (1997), *The Beatitudes* (1997-2000) and *Incidents of Travel in Poetry* (1998-2002). The work we propose to translate is *Incidents of Travel in Poetry, New & Selected Poems* (2015).

Alongside the translation, this work also seeks to provide a historical framework of his work and demonstrate the lack of a publication of his poems in Portuguese. I would even say that the world still doesn't know that it needs Frank Lima.

Lima is not translated in Portugal, and he is practically unknown in his country. Despite this veil of ignorance to which he seems to have fallen, the truth is that he was recognized (and a *protégé*) by poets such as Frank O'Hara and Kenneth Koch. Classified by some as a poet of the Second Generation of the New York School, along with names such as Alice Notley, Ted Berrigan, Bill Berkson and Ron Padgett, Lima himself refused this categorization.

**Key-words:** Frank Lima, Second Generation New York School; poetry; translation.

## Índice

Sobre o projeto -----	8
Sobre Frank Lima -----	10
Sobre a tradução -----	21
Referências bibliográficas -----	26
Anexo: Tradução minha de alguns poemas de Frank Lima -----	28

## Sobre o projeto

Através da proposta de tradução do livro *Incidents of Travel in Poetry, New & Selected Poems de Frank Lima*, procuro colmatar o que me parece ser uma lacuna no mercado editorial português e todas as linhas que se seguem pretendem demonstrar a importância de este poeta marcar presença nas estantes do país.

Há cerca de cinco anos, descobri Frank Lima num preâmbulo aleatório pelo site da Poetry Foundation ([poetryfoundation.org](http://poetryfoundation.org)) e sucumbi às imagens que os seus poemas evocavam. Não é consensual, nem sempre foi apreciado e a sua produção foi incerta, como veremos adiante.

«Frank Lima's pamphlet is phrase by phrase the inventory of his adolescence in East Harlem. The usual adolescent love poems, which try to be flowery (*Poem, Tuesday, Shoe*) or gutsy (*Hotel Park – on making love at sixteen*), are not very good, and I wish they had been eliminated», diz o poeta e crítico Marvin Bell sobre *Inventory*, que inclui alguns dos poemas que traduzimos à guisa de *amuse bouche* e podem ser lidos no Anexo. Mas também foi reconhecido por poetas como Frank O'Hara e Kenneth Koch. Estes decerto discordariam das palavras de Bell e provavelmente deliberariam com mais autoridade. Patrick Dunagan (igualmente poeta e crítico literário), por exemplo, discorda:

In Lima's case, (...) his early books and presence among the very-in-crowd of fellow poets and artists in one of the most cosmopolitan cities in the world just wasn't enough to secure him a long-lasting wide readership. He eventually ceased writing poetry for a number of years, until he unleashed a surprising flourish of writing beginning in the 1990s, right up until his death in 2013. A reappraisal of his work is long overdue.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No caso de Lima, (...) os seus primeiros livros e presença entre os seus pares poetas e artistas numa das cidades mais cosmopolitas do mundo simplesmente não foram suficientes para lhe garantir um público amplo e duradouro. Em última instância, deixou de escrever poesia durante vários anos, até que, surpreendentemente, a sua escrita voltou a desabrochar a partir dos anos 90 até sua morte. Uma reavaliação do seu trabalho só peca por tardia.» (STAFF, Harriet, 2016, «Patrick James Dunagan Considers Frank Lima's New and Selected Poems at Bookslut», *The Poetry Foundation*, Chicago, <https://www.poetryfoundation.org/harriet-books/2016/03/patrick-james-dunagan-considers-frank-limas-new-and-selected-poems-at-bookslut>)

O trabalho vem complementado com um Anexo que consiste numa compilação bilingue de poemas de Lima que foram escolhidos, alguns, por me terem surgido online antes de alcançar um livro físico do autor, outros, por serem, a meu ver, essenciais para a sua compreensão e terem relatado acontecimentos tão marcantes na sua vida, como, por exemplo, «Mom I'm All Screwed Up» e «Scattered Vignettes». Poemas como «Incidents of Travel in Poetry» e «Orfeo» são, além de pessoais, viagens ao tempo dos poetas seus contemporâneos que mais prezava. Espero que a sua leitura confirme a falta que a tradução de Frank Lima nos faz.

Inicialmente, predispus-me a traduzir *Inventory, new and selected poems*, publicado em 1997 pela editora Hard Press, Inc.. Porém, após iniciar o labor, concluí que faria mais sentido traduzir *Incidentes of Travel in Poetry, New and Selected Poems*, de 2015, da City Light Books, por ser uma edição antológica mais recente que compreende alguma da abundante produção tardia de Frank Lima, um autêntico icebergue cuja verdadeira dimensão se adivinha, mas desconhece. Este volume inclui poemas de todos os livros que publicou.

A escassez de ensaios sobre a obra de Frank Lima bem como a ausência de traduções dos seus poemas – seja para português do Brasil, francês, espanhol ou italiano, pelo menos que eu tivesse encontrado – justificam a quase inexistência de bibliografia neste trabalho. Não existe sequer uma antologia com tudo o que escreveu, e foi muito. Talvez por isso tenha sentido urgência em traduzir este autor, com uma voz tão própria e da qual eu, sem saber, precisava, até para a minha criação poética.

## Sobre Frank Lima

Filho mais velho de três de pai mexicano e mãe porto-riquenha, o poeta Frank Lima (1939 – 2013) nasceu no Harlem hispânico, em 1939. O pai de Frank, Philip Lima, foi expulso de casa por cortar o rosto da mulher, Anita Flores Lima, com uma navalha quando ele tinha apenas 12 anos. Philip acabou por se tornar num sem-abrigo do Central Park, morrendo de alcoolismo. Após a morte do pai, o jovem Frank sofreu abusos sexuais por parte da mãe, uma enfermeira que também ganhava a vida como *Santera*<sup>2</sup>, bem como de um padre católico, o que o levou a abandonar a escola, juntar-se a um gangue de rua e consumir heroína<sup>3</sup>.

Tudo o que relatámos acima foi retirado da ode confessional «Scattered Vignettes». Raras vezes teremos a oportunidade de ler testemunhos poéticos como esse, redigidos pelo próprio punho da vítima. Ainda assim, a escrita de Frank Lima não envereda pela autocomiseração e a sua obra não se esgota, nem pouco mais ou menos, no seu estatuto.

É difícil exprimir a que ponto a relação incestuosa com a mãe é central e determinante tanto na vida como na obra de Lima. Se, por um lado, o enredou numa espiral autodestrutiva com consequências para a sua vida, por outro, foi o que o conduziu à poesia contemporânea. O seu primeiro poema famoso, «Mom I'm All Screwed Up», comprova-o:

Moth-eyed  
by the neon sign  
I peeped  
at the stiff little worms  
screwing in your head  
spider crabs crawled in my hear

---

<sup>2</sup> Sacerdotisa do *Santerismo*, uma religião afro-caribenha que condensa elementos do Catolicismo Romano e crenças espirituais africanas.

<sup>3</sup> No poema «Scattered Vignettes», o poeta menciona que, por vezes, o pai vestia a *lingerie* e a camisa de noite da mãe e se enfiava na cama com os filhos, adotando comportamentos abusivos.

With popping antennae ringlets  
you looked like  
a praying mantis  
cold cream & turban  
science fiction gleam  
as real  
as cancer  
spreading  
stuffed-tits-and-rag-guts  
yawning  
brillo-crotch  
that stunk  
all over me  
playing  
Johnny-on-the-pony  
on me  
indoors  
The mattress groaned  
I moaned  
Mom  
I'm no horse  
you have pimples on your butt  
your bellybutton droops  
your boy-pop left  
the rose of your hopes  
no  
no  
With lollipop-grin lips  
on my solitaire piece  
you had no teeth  
I'm still scaling scabs of  
hot garlic  
slob-kisses  
isn't mamacita's heart going to  
kiss mom  
good night

no

no

no.<sup>4</sup>

Este retrato incestuoso afasta-se da temática e imagística habitual da Escola de Nova Iorque, mas permite compreender a admiração que estes poetas nutriram por Lima, enquanto relator cru dos acontecimentos e que levou uma vida tão atribulada ao ponto de ser considerado, por David Shapiro, «um [François] Villon americano»<sup>5</sup>. Shapiro ainda salienta «a extraordinária ausência de autocomiseração» bem como a lucidez dissociativa do retrato do corpo envelhecido da mãe e do horror que experienciou. O poeta viria a afastar-se deste estilo confessional que Shapiro denomina de «estética de *snapshot* à Robert Frank» (SHAPIRO, 1996) e de uma certa sensibilidade da Geração Beat conferida pelo seu apreço pelo trabalho de Allen Ginsberg e de Gregory Corso. Apesar deste reconhecimento, Lima disse a Shapiro, numa entrevista datada de 2 de dezembro de 2014: «(...) I tried as much as possible to get away from the Beat Generation. I tried to get away from violence and the old drug habits, and they want to push me back in... Allen always wants to get back to Harlem. I want to get out of Harlem.»<sup>6</sup>

Lima desdenhava também, nos *beats*, uma certa perspetiva romântica da pobreza que ele queria ultrapassar (SHAPIRO, 1997).

Quando estava a cumprir pena num programa de reabilitação de drogas juvenil em North Brother Island, em East River, Frank começou a escrever poesia com o incentivo

---

<sup>4</sup> Encandeado/ pelas luzes de néon/ eu entrevia/ os pequenos vermes rijos/ a escarafunchar-te a cabeça/ caranguejos-aranha/ enfiaram-se no meu ouvido// com cachos de antenas espetados/ parecias/ um louva-a-deus/ com creme gelado & turbante/ e brilho de ficção científica// tão real/ como cancro/ espalhando-se/ peitos recheados e tripas de trapo/ bocejantes/ virilhas de esfregão/ que fediam/ em cima de mim/ jogando/ ao cavalinho/ em cima de mim/ dentro de casa// O colchão rangeu/ eu gemi/ Mãe/ eu não sou um cavalo/ tens borbulhas no rabo/ o teu umbigo descai/ o teu miúdo explosivo deixou/ a rosa da tua esperança/ não/ não// Com um esgar de chupa-chupa nos lábios/ no meu naco solitário/ não tinhas dentes/ ainda estou a largar escamas de/ alho quente/ beijos desleixados/ o amor da *mamacita* não vai dar/ um beijo à mãe/ de boas noites/ não/ não/ não.

<sup>5</sup> CAPLES, Garrett, 2015, «Incidents of Travel in New York: The Lives of Frank Lima» in *Incidents of Travel in Poetry, New and Selected Poems*.

<sup>6</sup> «(...) tentei ao máximo afastar-me da Geração Beat. Tentei afastar-me da violência e dos velhos hábitos da droga e eles querem puxar-me para eles outra vez... O Allen quer sempre regressar a Harlem. Eu quero sair de Harlem» in CAPLES, Garrett, 2015, «Incidents of Travel in New York: The Lives of Frank Lima» in *Incidents of Travel in Poetry, New and Selected Poems*.

e o apoio do pintor Sherman Drexler. Este viria a mostrar o seu trabalho a poetas e artistas como Robert Lowell, Kenneth Koch, Frank O'Hara, Allen Ginsberg e Elaine de Kooning, pintora que o retratou tal como o vemos na capa de *Inventory*.

Os seus poemas desta fase são cruéis, irónicos e pessoais, girando em torno de temas como a intimidade, o abuso, o corpo, a pobreza e a sua herança latina.

Talvez por isso assistamos a uma constante categorização do poeta como sendo «Um membro da Escola de Nova Iorque – parte de uma segunda geração em torno de Frank O'Hara e do Kenneth Koch que incluía David Shapiro, Tony Towle e o Joe Ceravolo – Frank Lima (...) é um dos principais poetas latinos».<sup>7</sup> No entanto, Lima era fundamentalmente avesso a isso. Como disse numa entrevista a Guillermo Parra, as suas fontes de inspiração são universais.

«I do not want to be a “Latino” poet. That tag is limiting to a particular group and style, although a necessary means as a vehicle and a point to start from, especially for those amongst our people who are not familiar with this particular form of writing... But it does not end there, and that is the impression that is being cast that I don't want to be a part of. I do not feel I have to pontificate to any one of my origins and roots... I do not want to be limited to screaming and bombast for the sake of not being heard. That is esthetic colonialism and just to fuck'en [sic] easy to do. Our culture is richer and classier than glorifying El Barrio... We're not just “Latinos”. To me, the theatre is much bigger than that. It's history and heritage, and a magnificent language that is almost half Arabic. I know this of my own blood, half Mexican and half Puerto Rican that I am. This is my culture, not one or the other.»<sup>8</sup>

A verdade é que Frank Lima, ao contrário de outros poetas da Escola de Nova Iorque, não era branco, não tinha muitos estudos, nem nasceu numa família de classe média.

---

<sup>7</sup> CAPLES, Garrett, 2015, “Incidents of Travel in New York: The Lives of Frank Lima”, in *Incidents of Travel in Poetry*, City Lights Books, São Francisco.

<sup>8</sup> «Não quero ser um poeta “latino”. Essa etiqueta limita-se a um determinado grupo e estilo, embora seja um meio necessário como veículo e ponto de partida, especialmente para aqueles do nosso povo que não estão familiarizados com esta forma particular de escrita... Mas não termina aí, e essa é a impressão que está a ser transmitida e da qual não quero fazer parte. Não sinto que deva pontificar nenhuma das minhas origens e raízes... Não quero limitar-me a gritar e a alardear por não ser ouvido. Isso é colonialismo estético e é muito fácil de fazer. A nossa cultura é mais rica e elegante do que glorificar El Barrio... Não somos apenas “latinos”. Para mim, o palco é bem maior. É história e património, e uma língua magnífica que é quase metade árabe. Sei disso pelo meu próprio sangue, sendo meio mexicano e meio porto-riquenho. Esta é a minha cultura, não uma ou outra.» In PARRA, Guillermo, «NYP: An Interview With Frank Lima».

Aos 11 anos, já trabalhava nas cozinhas de restaurantes ao lado do pai e do avô, antecipando a futura profissão de *chef*.

A sua recusa da etiqueta de poeta latino (juntamente com a de poeta *beat*, como antes vimos) deve-se ao facto de advir de duas culturas latinas. Assim, considerá-lo latino é redutor, dado que exclui a sua herança espanhola, cuja presença mourisca lhe parece inalienável. Já a sua repugnância pela «glorificação do *El Barrio*» estará ligada ao conselho que lhe deu Frank O'Hara: ele não poderia passar o resto da vida a escrever sobre prisão e drogas ou não duraria muito. Apesar do seu sucesso enquanto poeta da *street life*, Lima sabia que não podia cingir-se a esse tema e teria de se diversificar. Além disso, o desinteresse por «gritar e alardear» parece relacionar-se com a postura orientada para a *performance* dos poetas do Nuyorican Poets Café, que surgiu na década de 1970. A rejeição de Lima de todos os rótulos em relação à sua poesia parece ser uma das razões pelas quais a sua obra continua a ser pouco conhecida, até mesmo nos Estados Unidos. No caso dos poetas *Nuyorican*<sup>9</sup>, tal rejeição levou à sua exclusão de diversas antologias e de outros eventos que celebrariam uma cultura a que também pertencia.

A recusa de Frank Lima em romantizar as suas origens está intimamente ligada a uma recusa da identificação étnica do seu trabalho. Mais do que uma poesia de tipificação cultural partilhada a que o poeta daria voz, Lima quer transmitir experiências. Experiências essas que são demasiado particulares ou demasiado universais para serem catalogadas, apesar do uso de vocábulos latinos e dos seus relatos de vida que uma interpretação mais simplista associaria à poesia *beat*, ou mesmo à da Escola de Nova Iorque.

---

<sup>9</sup> O movimento Nuyorican era constituído por poetas, escritores, artistas plásticos e músicos cujo trabalho falava sobre os problemas sociais, económicos e políticos que os porto-riquenhos enfrentavam na Nova Iorque dos anos 60 e 70. Não muito diferente da Renascença do Harlem, o movimento Nuyorican nasceu de um período de migração. Depois de os Estados Unidos conferirem o estatuto de *commonwealth* a Porto Rico, em 1950, a migração porto-riquenha para a cidade de Nova York aumentou, criando grandes bolsas de comunidades porto-riquenhas em bairros como Lower East Side e East Harlem. Muitos dos escritores nuyoricanos eram nova-iorquinos de primeira geração filhos de imigrantes ou chegaram à cidade ainda jovens. Originalmente pejorativo, o termo *Nuyorican*, que aglutina as palavras “porto-riquenho de Nova York”, ou neo-riquenho, foi usado pelos porto-riquenhos nativos para distinguir os porto-riquenhos de Nova York dos de Porto Rico. No entanto, o movimento *Nuyorican* passou a representar, não apenas a luta dos porto-riquenhos da classe trabalhadora na cidade, mas também o orgulho que tinham nas suas língua, cultura e identidades caribenha e afro-caribenha. (Cf. *A Brief Guide to Nuyorican Poetry* in <https://poets.org/text/brief-guide-nuyorican-poetry>)

A obra de Lima tem influências, mas parece conseguir sempre distanciar-se delas. Segundo Drexler, Lima foi influenciado por Keats e Shelley antes de encontrar a sua própria voz. O pintor ter-lhe-á emprestado livros de Tristan Corbière, François Villon e William Carlos Williams. Segundo Bob Holman, autor de «The Resurrection of Frank Lima: An Investigative Poem», os acontecimentos ter-se-ão dado da seguinte forma:

One day he came in with *Life Studies* / by Robert Lowell, when it first came out. / I was amazed  
- I thought, I'd like to write / like that, and I told Sherman. He said, / Why don't you write then?  
/ I was flabbergasted that he'd ask / such a question. I told him quite frankly / I didn't know  
anything about writing, / in fact, and I remember telling him this / exactly, I don't even know  
English / language. Sherman looked at me, // I'll never forget it, and said, "Well, you can talk, /  
can't you? Why don't you write like you talk?" // And it hit me, I could see the words / we said,  
the colorful, the real language / ... of the street, I could all of a sudden see / it written down  
and staying real. // It was like a code, but, when I wrote it down, / because I did, that's when I  
began to write, / it was like it became something else. <sup>10</sup>

Frank Lima é um surrealista<sup>11</sup> sem programa, um poeta profético da cidade de Nova York, um miúdo do bairro que acreditava que a sua cultura era muito mais rica e elegante do que a idolatria de uma franja social isolada. A sua poesia é vasta e tem algo que não é incompatível com uma certa estranheza, com uma inocência, apesar das provações a que a vida o sujeitou.

O ano de 1962 foi crucial para o poeta, pois participou na New York Writers Conference no Wagner College e conheceu O'Hara, Koch, David Shapiro e Joseph Ceravolo, período que coincide com o despontar da segunda geração da Escola de Nova Iorque. Faz a sua primeira publicação na *Evergreen Review*. Nesse ano, Lima dedicou-se ao boxe e à sua profissionalização enquanto *chef*. Numa entrevista de 2015 a Ron Padgett, o poeta

---

<sup>10</sup> «Um dia ele apareceu com *Life Studies*/ de Robert Lowell, quando foi lançado./ Fiquei surpreso - pensei, gostaria de escrever/ assim, e contei a Sherman. Ele disse:/ Por que não escreves então? / Fiquei pasmado por ele ter feito tal pergunta. Disse-lhe com toda a franqueza/ que não sabia nada de escrita,/ na verdade, e lembro-me de lhe ter dito isso/ exatamente, nem sei língua / inglesa. Sherman olhou para mim, // nunca esquecerei, e disse: "Bem, você pode conversar, / não pode? Por que você não escreve como fala? // E me dei conta, pude ver as palavras / dissemos, o colorido, a linguagem real /... da rua, de repente pude ver / isso escrito e permanecendo real. // Era como se fosse um código, mas, quando o escrevi, / porque escrevi, foi quando comecei a escrever, / foi como se se tornasse outra coisa. HOLMAN, Bob, «The Resurrection of Frank Lima: An Investigative Poem», *Poets & Writers*, 2000 in CAPLES, Garrett, 2015, "Incidents of Travel in New York: The Lives of Frank Lima" in *Incidents of Travel in Poetry*, City Lights Books, São Francisco.

<sup>11</sup> "Though Lima's style has gone through a great deal of permutations, the single most enduring characteristic of his work is a commitment to life's experience in its utmost and total intensity. Oftentimes, Lima achieves this through his lucid, scintillating surrealism." (MARMER, 2016)

disse a Garrett Caples que Lima teria começado a praticar boxe num programa em East Harlem da Police Athletic League para tirar jovens problemáticos das ruas. Apesar de ele ser um boxeur competente, um dia teve de enfrentar um adversário que o olhava com o ódio de alguém que queria matá-lo no ringue e se revelou realmente feroz. Lima decidiu então deixar de lutar. Por essa altura, um boxeur chamado Benny «The Kid» Paret foi morto num combate. Este acontecimento também deve ter pesado na decisão de Lima, que até escreveu um poema sobre isso, intitulado «The Memory of Benny (Kid) Paret». Estas peripécias que Lima verte para a sua escrita conferiram-lhe uma mística de François Villon entre os poetas da Escola de Nova Iorque. No que respeita à cozinha, apesar de ser excelente na sua profissão, nunca retirou grande prazer dela, talvez por associá-la ao seu pai.

Em 1964, a sua primeira coletânea de poemas, *Inventory*, seria publicada na lendária chancela Tibor de Nagy, que lançou poetas como John Ashberry, James Schuyler e Barbara Guest, para não repetir O'Hara e Koch. Participaria ainda nas coletâneas *Poets of the New York School* e *An Anthology of New York Poets*. No entanto, mesmo quando teve sucesso como poeta, continuou a lutar contra a toxicodependência e o alcoolismo, sendo ocasionalmente preso por posse de drogas.

A morte precoce de Frank O'Hara em 1966 num acidente de viação afetou profundamente Lima. O'Hara chegara a oferecer o seu sofá para que Frank não dormisse na rua e organizara uma venda de arte na Tibor de Nagy com o objetivo de angariar dinheiro para que Lima fizesse psicoterapia.<sup>12</sup> O'Hara tivera ainda uma grande influência nas vivências e nos gostos do nosso poeta. Apresentou-lhe, entre tantas outras figuras, o coreógrafo George Balanchine e a música clássica, à qual Lima se tornou devoto por toda a sua vida. A morte de O'Hara, provocou, por sinal, o fim prematuro de uma fase florescente da Escola de Nova Iorque. De facto, o malogrado poeta reunia muita gente ao seu redor. O seu desaparecimento da cena resultou em dispersão.

O ano de 1966 também foi marcado pelo nascimento do Poetry Project, na igreja de São Marcus na Bowery, em East Village, e pela cisão dos poetas da Escola de Nova Iorque que, como Padgett, Bill Berkson, Jim Brodey e Ted Berrigan, se identificavam

---

<sup>12</sup> CAPLES, Garrett, 2015, "Incidents of Travel in New York: The Lives of Frank Lima", in *Incidents of Travel in Poetry*.

como vozes de contracultura dos finais da década de 60 e aqueles que, como Lima, Tony Towel e Joe Ceravolo, não se reviam nessa classificação.<sup>13</sup> Nesta época, Lima digladiava-se com o consumo de heroína, pelo que se tornou mais distante. Em 29 de dezembro, ingressou num programa de desintoxicação, no East River. Apesar de esta estadia ter sido crucial na sua vida, ele continuaria a debater-se com a adição até 1972.

Em 1969, submete o manuscrito de *Underground with the Oriole* à Columbia University Press, com o objetivo de se candidatar ao Prémio de Poesia Frank O'Hara. Apesar de não ter vencido, uma versão alargada do mesmo foi publicada em 1971. Em 1975, graças à influência de Kenneth Koch e de Stanley Kunitz, que foi seu orientador, ingressou na Columbia University, onde concluiu o MFA (Master in Fine Arts), apesar de não ter completado o liceu.

Mesmo com credenciais académicas e a publicação de *Angel (New Poems)*, em 1976, o poeta acabou por desaparecer do meio. Isto porque teve dois filhos com a sua quarta mulher, Roberta Branciforti, o que o pressionou financeiramente. Lima trabalhou como *chef* em restaurantes de luxo, como o do World Trade Center, acabando por ensinar na New York Restaurant School até se reformar, em 2007. Gostava mais da escola do que das cozinhas. Por esta altura, tinha largado a heroína, mas era alcoólico. Após um diagnóstico de cirrose hepática, ingressou no programa de desintoxicação Hospital Roosevelt. Incapaz de escrever sem estar sob a influência de substâncias, afastou-se ainda mais da criação. No início dos anos 80, parecia que a sua carreira na poesia tinha terminado.

No final da década, porém, Lima estava sóbrio, desesperado e num casamento desfeito. Nestas circunstâncias, voltou a escrever.

Enquanto os poemas da sua fase anterior incorporavam imagens irracionais de cariz surrealista, os da segunda fase podem ser lidos como realizações completas dos seus impulsos criativos. Lançados em cenários irreconhecíveis e irrealistas, os poemas fluem com naturalidade de verso para verso, sem propriamente um sentido óbvio de desenvolvimento lógico. No entanto, não há aleatoriedade no processo.

Inclusivamente, ao contrário do que lemos no seu trabalho anterior, de absoluta

---

<sup>13</sup> CAPLES, Garrett, *ibidem*.

liberdade formal, as quadras, tercetos e quintilhas predominam. Oferecemos, como exemplo, o poema «Bright Blue Self-Portrait», datado de 5 de dezembro de 2002:

I thank the spiders' webs and the circus dancers who stain our eyes with  
Rapid movements and authorize our handcuffs to make no distinction  
Between night and day or love and hate.

No one will know the sum of our arduous daily separations from bed to

Work. These pillars actually belong to you since I have not counted them  
Or know any more than you do where they are or in what country they  
Still exist. We can put all our concerns into a loaf of bread and French  
Kisses, go to movies and watch the splashing milk on the screen imitate

The forest in the moonlight. Why all the fuss about the patrons becoming  
Feathers, discharging their ideas of nobility on the evening news? There  
Are no lights in the theater just soft snow from the balcony that is the  
Little red schoolhouse where all this began.

Actually it was because of you I did not attend as often as I should have.  
I was too embarrassed to face you across the clay modeling tables since I  
Always felt like the clay in your hands was a cartoon version of my teen  
Years, dear slippery-fish ladies of the sleepy west.

Don't forget, my early life will be yours, too,

With its self-descriptions of poetic justice,

The tiny creatures we write about can describe themselves in the moss

We leave behind.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> «Agradeço às teias de aranha e às dançarinas de circo que mancham os nossos olhos com/  
Movimentos rápidos e autorizam as nossas algemas a não fazer distinção/ Entre a noite e o dia ou o  
amor e o ódio./ Ninguém saberá quantas são as nossas árduas separações diárias da cama para o//  
Trabalho. Realmente estes pilares pertencem-vos dado que nunca os contei/ Nem melhor que vós sei  
onde eles estão ou em que país eles/ Ainda existem. Podemos pôr todas as nossas preocupações num  
pedaço de pão e em/ Beijos na boca, ir ao cinema e ver o leite que espirra da tela imitar// A floresta ao  
lunar. Porquê todo o alarido sobre os patronos se tornarem/ Penas, divulgando as suas ideias de nobreza  
no noticiário da noite?/ Não há luzes no cinema apenas neve fofa da varanda que é a/ Pequena escola  
vermelha onde tudo isto começou.// Na verdade, foi por vossa causa que não a frequentei tanto quanto  
deveria./ Tinha demasiado vergonha para vos encarar através das rodas de oleiro pois eu/ Sempre senti  
que a argila nas vossas mãos era um desenho animado da minha adolescência,/ Queridas senhoras  
escorregadias como peixes do oeste sonolento.// Não vos esqueceis, a minha infância será vossa,  
também,/ Com as suas auto-descrições de justiça poética,/ As minúsculas criaturas sobre as quais  
escrevemos podem descrever-se a si mesmas no musgo/ Que deixamos para trás.»

Esta evolução, chamemos-lhe assim, foi impulsionada pela descoberta das técnicas de escrita livre de Peter Elbow, que Lima importou, inclusivamente, para as suas oficinas do Poetry Project.<sup>15</sup>

Apesar deste regresso à escrita, Lima manteve-se afastado do meio da poesia, devido ao trabalho e à vida familiar. O seu casamento com Brancifiorti terminou em 1988. Em 1989, conheceu Helen Hansen, com quem se casou em 1992, permanecendo juntos até ao fim.

Em 1997, a Hard Press, pequena editora do Massachusetts, publicou *Inventory: New & Selected Poems*, com introdução de David Shapiro. Numa recensão de 1997 sobre este volume para o *The Chronicle*, Tom Clark observa que «a assinatura estilística de Lima emerge cedo e persiste: uma musicalidade sensual e gíria enformada por um sentido de humor de rua que vai além da sua época e composto em iguais partes por coragem e desespero». Com uma tiragem de apenas 500 cópias, este livro recolocou o seu nome no mapa da poesia e abriu caminho para a publicação daquele que viria a ser o seguinte, *The Beatitudes*, «um volume incendiário de invetivas contra a tradição judeo-cristã, inspirado pela leitura do trabalho de Anne Sexton e as suas próprias experiências de abuso na Igreja Católica» (CAPLES, 2015). Apesar de o seu lançamento ter sido agendado para o ano 2000 pela Hard Press, atribulações várias redundaram na não publicação do livro. Este e outros revezes fizeram com que Lima não tivesse vontade de publicar, muito embora se disponibilizasse a escrever poemas e a fazer leituras, quando convidado.

Em 2004, ele e Helen compraram uma casa na Praia do Lido, em Long Island, o que ainda o afastou mais do meio. No entanto, todos os dias, nas suas viagens de metropolitano até ao trabalho e de regresso a casa, Frank escrevia um poema, seguindo as recomendações de um Kenneth Koch no leito de morte.<sup>16</sup> Segundo os

---

<sup>15</sup> Na entrevista que Garrett Caples fez ao poeta Filipe Marinovich, este disse-lhe: «It's not like he [Frank Lima] write quatrains. He would just freewrite. He even had those Xeroxes of Peter Elbow's freewriting manual from the '70s or '80s, whenever that came out. And he would just freewrite and divide it up into quatrains.... And there was something about that new form that allowed him to write poetry where he felt like he couldn't write poetry before because it was part of the whole vortex of addictions. So he found a new form for it and he was very defensive about that and very proud that he had found a new form after all this struggle.» (CAPLES, 2015)

<sup>16</sup> Helen Lima disse, em entrevista datada de 26 de novembro de 2014, a Garrett Caples: «The subway ride was like 45 minutes for him to go to work.... He used to write every single day on the train ride. And when Kenneth Koch had passed, Frank had gone to visit him in the hospital.... Kenneth told Frank that

cálculos de Caples, mais de 3500 poemas de Lima estarão por publicar. Ora, este seu trabalho mais tardio será aquele que o consagra enquanto poeta maior e, mais do que um elemento da segunda geração da Escola de Nova Iorque, surrealista (SHAPIRO, 1997).

Nesta fase tardia, encontramos poemas seus com várias páginas que foram escritos num só dia. Sabemo-lo porque passou a datar obsessivamente o que escrevia, seguindo o conselho de O'Hara. Apenas no seu último ano de vida a sua produção deixou de ser diária, devido a problemas de saúde.

Morreu em 21 de outubro de 2013, com 74 anos, sem qualquer tipo de homenagem e um obituário pago no *New York Times*.

---

you have to write every single day. When you write, it's not like someone doing a job. This has to come from you.... Frank tried really, really hard to write a poem everyday.» (CAPLES, 2015)

## Sobre a tradução

A origem deste projeto, curiosamente, coincide com o seu fim. Isto porque a minha aproximação à poesia de Frank Lima se consubstanciou na tradução do primeiro poema com que me deparei. “Juarez”, de outubro de 1999, embebido de animismos e metáforas, abriu-me o apetite para a tradução de outros do autor. Desde logo, concluí que tentativas de dissecação do significado das estrofes de Lima resultariam inglórias: a leitura das mesmas implica que nos deixemos levar pelo mistério surrealista que as metáforas encerram. Embora, se pensarmos em Ciudad Juárez e na sua dura realidade de cidade mais violenta do mundo <sup>17</sup>, com um nível elevadíssimo de execuções e feminicídios, possamos entrever uma caracterização da urbe ou mesmo uma materialização da crueldade da contemporaneidade que vem a jusante do colonialismo.

Lima surge-nos, em “Juarez”, como um poeta críptico, com as suas intemporais aranhas e as contemporâneas *cheerleaders*; com o seu latim ancestral (embora mais recente que o hebraico) <sup>18</sup> e o advento da língua inglesa, em suma, o “mar de telúrica/ Dor para saudar o início do novo mundo”. Esta tensão entre um “antes” e um “depois” que configuram um “agora” esquisito e/ mas maravilhoso, este choque entre símbolos ancestrais (aranhas, escorpiões, pirâmides, pedras), contemporâneos (carros, *cheerleaders*, aspirinas) e o chocolate mexicano não me deixou outra alternativa senão optar por uma tradução literal, sempre que possível, e isso foi quase sempre, como se poderá apurar na leitura dos poemas em Anexo.

Socorri-me de George Steiner para me aconselhar quanto à legitimidade e alcance da tradução literal. O exemplo de tradução literal que encontrei remetia para Hölderlin, de quem Steiner diz o seguinte:

As traduções de Hölderlin são incontestavelmente de primeira importância.

Representam o acto hermenêutico de penetração e apropriação mais violento e

---

<sup>17</sup> Cf. COELHO, Alexandra Lucas, “Juárez: Entre a Vida e a Morte” in jornal *Público* de 2 de agosto de 2010.

<sup>18</sup> “O latim tornou-se a língua oficial d’Ele, quando deixou de ser judeu”, lê-se em “Juarez” (LIMA, Frank, *Incidents of Travel in Poetry, New & Selected Poems*, City Lights Books, São Francisco).

deliberadamente extremo de que temos conhecimento. Sobretudo nas suas leituras de Píndaro e de Sófocles, Hölderlin força-nos a fazermos a experiência, em termos só acessíveis ao grande poeta, dos limites da expressão linguística e das barreiras que, entre as línguas barram a compreensão humana. Esses limites exerciam sobre o poeta uma pressão intolerável e é a sua «concretude» impiedosa, a resistência física que engendram o que torna as traduções de Hölderlin tão fascinantes e portadoras de assombro. Aqui referir-nos-emos apenas à sua literalidade paradoxal, à tentativa empreendida por Hölderlin de construir uma versão interlinear cultural e verbal, uma zona intermédia entre os tempos antigos e modernos, entre o grego e o alemão. Vemos uma vez mais, pelo seu exemplo, que a versão literal não é, ao contrário do que os modelos tradicionais fazem pensar, uma modalidade ingénuo e fácil, mas antes a forma última de tradução.<sup>19</sup>

Obviamente, não me equipararei a Hölderlin nem à sua empresa, mas consola-me saber-me tão bem acompanhada no empenho em fazer uma tradução literal dos poemas de Frank Lima e na legitimação de Steiner. Além disso, sendo eu uma produtora de poesia, o sentido da responsabilidade agudiza-se.

Mais à frente, ainda em *Depois de Babel*, li:

A má tradução é a que não faz justiça ao seu texto de partida, por motivos óbvios e numerosíssimos. A ignorância, a precipitação ou as limitações pessoais fazem com que o mau tradutor interprete erroneamente o original. Falta-lhe o domínio da sua própria língua, que é uma condição indispensável da representação adequada. Equivocou-se estilística ou psicologicamente ao escolher o seu texto: a sua própria sensibilidade e a do autor que está a traduzir são demasiado discordantes. Quando surge uma dificuldade, o mau tradutor procede a uma elisão ou paráfrase. Quando o tom lhe parece elevado, exagera. Onde o autor é ofensivo, arredonda as arestas. É indubitável que noventa por cento das traduções realizadas desde Babel são inadequadas e continuarão a sê-lo.<sup>20</sup>

Fui percorrida por um calafrio. Ainda assim, persisti, perseguindo aquele que é, segundo Agustina Bessa-Luís, o desígnio do tradutor:

---

<sup>19</sup> STEINER, George, *Depois de Babel*, 2002, Relógio D'Água Editores, Lisboa, pp. 364.

<sup>20</sup> STEINER, George, *ibidem*, pp. 445.

Eu penso que o tradutor tem o carácter do alquimista. Com a tradução fabrica o ouro da verdade a ser revelada todos; com a fidelidade aos textos, serve a sabedoria, o que é o mesmo que dizer que aproxima a paz do juízo humano.<sup>21</sup>

Lima escreve em verso branco. Uma das suas particularidades reside na importância que atribui à primeira palavra de cada verso. Esta costuma parecer querer destacar-se de alguma maneira<sup>22</sup>. Dada a diferença da estrutura frásica na língua inglesa, com as partições dos versos, torna-se difícil preservá-la. Envidei todos os esforços para garantir que respeitaria o original, embora nem sempre isso tenha sido possível, especialmente em poemas particularmente longos como «Scattered Vignettes» e «Orfeo»<sup>23</sup>, por exemplo.

A minha tradução focou-se no sentido. Criticar-me-á com razão quem disser que sacrifiquei algumas aliterações, como em «Mom, I'm All Screwed Up», onde a perda da toada, quase onomatopeica, quase de canção de embalar maldita, é fácil de constatar. Fi-lo porque a métrica, ao contrário do sentido, me pareceu bastante livre. Em Lima, leio uma obsessão com as imagens e os símbolos, e não com os ritmos e as sílabas.

Em prol da fluidez de leitura, tive de suprimir, por vezes, os pronomes pessoais, que Lima usa abundantemente. A repetição constante da primeira pessoa do singular não resulta da inevitabilidade do seu uso na língua inglesa; antes é deliberada – o poeta parece querer sublinhar que é o eu poético que está a veicular a sua experiência. Dir-se-ia que esta iteração tem o propósito de diminuir o fosso entre o eu poético e o autor, e esta ideia sai reforçada quando nos lembramos de que a poesia de Frank Lima é autobiográfica, como veremos mais à frente. Ou seja, se estamos perante uma personalização do que é narrado no poema, uma confissão, torna-se relevante não suprimir o pronome pessoal.

---

<sup>21</sup> BESSA-LUÍS, Agustina, *Caderno de Significados*, 2013, Guimarães, Babel, Lisboa, pp. 45.

<sup>22</sup> No poema «summer (a love poem)», isso verifica-se na localização da palavra «bellow», que, em termos de sentido, parece pertencer ao verso anterior àquele em que se encontra: «(...) the earth looks shiny wrapped in steam and ermine / tired of us perspiring at every chance on the floor / below I bring you an ash tray out of love for the / ice palace because it is the end of summer the end / of the sun because you are in season like a blue / rug you are my favorite violin when you sit and / peel my eyes with your great surfaces seem intimate / when we merely touch the thread of life and kiss».

<sup>23</sup> Em «Orfeo», Lima escreve, na terceira estrofe, «You don't have to watch human/ Sacrifice on television (...)». Parece óbvio que a separação de «human» e «Sacrifice» é feita em prole do verso «Sacrifice on television». Neste caso, por exemplo, optámos por «Não tens de assistir ao sacrifício/ Humano na televisão».

Consoante fui recuando para poemas mais antigos, e, como tal, menos surrealistas, fui-me sentindo mais confortável com uma tradução ao pé da letra: o poema «Mom I'm All Screwed Up», ultrapassada a dificuldade de tradução do título e do primeiro verso <sup>24</sup>, suplica por uma interpretação literal. Termos como «brillo-crotch» e «boy-pop» tiveram de perder a sua componente Pop Art (pois quem não se lembra das «Brillo Boxes» do Andy Warhol), tendo sido, o primeiro, traduzido por «virilhas de esfregão» e, o segundo, «rapaz explosivo», de modo a veicular a carga sexual que o poema evoca. Ainda ponderei optar por «rapaz pipoca», por causa do milho que rebenta quando submetido ao calor, mas resolvi-me pela tradução mais conservadora <sup>25</sup>, chamemos-lhe assim.

David Shapiro diz, no texto introdutório de *Inventory, New & Selected Poems*<sup>26</sup>, que a poesia de Frank Lima traduz o quotidiano, «mas só um poeta com imensa força e coragem é capaz de descrever o quotidiano». Isto porque o quotidiano que Lima descreve é tão extraordinário que o próprio termo («quotidiano») se revela eufemístico. A leitura de «Scattered Vignettes» confirma-o tanto quanto a de todos os seus poemas. Não é de espantar que, em 1996, entrevistado por Seth Rogovoy para a *Berkshire Web*, Lima tenha declarado: «At some level I think all poetry is autobiographical. Even if you're writing about ancient myths, you're somehow in search of your own experiences, something that relates to what you're writing about. Even my fairy tales are autobiographical.»<sup>27</sup>.

«Scattered Vignettes» é, a partir da terceira estrofe e até ao fim, um poema de acontecimentos; relata uma história vivida, pelo que também me senti confortável trilhando o caminho inicial. Nesse poema, de tradução difícil principalmente devido à sua extensão e à violência do seu conteúdo, Lima conduz-nos numa viagem pelos seus primeiros 12 anos de vida. Começa num tom seguro, bíblico e tenebroso:

---

<sup>24</sup> Resolvemos traduzir “Moth-eyed” por “Encandeado”, pois a tradução literal, “Com olhos de traça” não só não faria completamente jus ao original, que é um verbo, como também iria interferir com a continuação da tradução do verso seguinte. O resultado seria, “Com olhos de traça/ devido à luz de néon (...)”, que nos pareceu menos interessante esteticamente e menos fiel ao original.

<sup>25</sup> “Pop” tem diversos significados: estouro, estalo, estampido. Coloquialmente, também pode significar disparo ou até mesmo bebida gasosa.

<sup>26</sup> SHAPIRO, David, 1996, “Frank Lima: The Poetry of Everyday Life and the Tradition of American Darkness”.

<sup>27</sup> “De certo modo, acho que toda poesia é autobiográfica. Mesmo que se esteja a escrever sobre mitos antigos, está-se de alguma forma em busca das próprias experiências, de algo que se relacione com aquilo que se está a escrever. Até os meus contos de fadas são autobiográficos.” Cf. artigo sobre Frank Lima da Poetry Foundation (<https://www.poetryfoundation.org/poets/frank-lima>).

I remember what I remember

I remember writing a poem

About me

About you

About the Christ

About the thing in the garden:

We were stars in my mother's belly.

We were the faces of the angels;

like the angels we came into this world

with blood on our wings.

The angels are God's hit squad:

Whenever He wanted someone assassinated,

He sent an angel to do His dirty work:

Sodom and Gomorrah.

The angels always smell

like fine cigars.<sup>28</sup>

Daqui por diante, o eu poético passa a ser descritivo, usando um vocabulário quase sempre acessível – a única palavra problemática foi «biretta», que traduzi por «barrete», chapéu quadrado com três palas levantadas e, geralmente, uma borla ao centro – e linguagem coloquial.

---

<sup>28</sup> «Lembro-me do que me lembro/ Lembro-me de escrever um poema/ Sobre mim/ Sobre ti/ Sobre Cristo/ Sobre a coisa no jardim:// Éramos estrelas no ventre da minha mãe./ Éramos as caras dos anjos;/ como os anjos vínhamos a este mundo/ com sangue nas nossas asas.// Os anjos são a brigada mercenária de Deus:/ Quando Ele queria que alguém fosse assassinado,/ Mandava um anjo fazer o trabalho sujo por Ele:/ Sodoma e Gomorra./ Os anjos cheiram sempre/ a bons charutos.»

## Referências bibliográficas

### Bibliografia

LIMA, Frank, 2015, *Incidents of Travel in Poetry*, City Lights Books, San Francisco

LIMA, Frank, 1997, *Inventory: New & Selected Poems*, Hard Press Editions, New York

### Bibliografia de apoio

BESSA-LUÍS, Agustina, *Caderno de Significados*, 2013, Guimarães, Babel, Lisboa

RICOEUR, Paul, *Sobre a tradução*, 2005, Livros Cotovia, Lisboa

STEINER, George, *Depois de Babel*, 2002, Relógio D'Água Editores, Lisboa

*Dicionário da Língua Portuguesa*, Academia das Ciências das Ciências de Lisboa,

<https://dicionario.acad-ciencias.pt/>

*Oxford Advanced Learner's Dictionary*, 1990, Oxford University Press, Oxford

Oxford English Dictionary,

<https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=dictionary>

### Referências online

Sobre Frank Lima: <https://www.poetryfoundation.org/poets/frank-lima>

«A Brief Guide to Nuyorican Poetry» in *Poets.org*: <https://poets.org/text/brief-guide-nuyorican-poetry>

ALVARADO, Nico, março 2014, «Frank Lima, 1939-2013», *Boston Review*,

<https://www.bostonreview.net/articles/frank-lima-1939-2013/>

BELL, Marvin, agosto 1965, «*Inventory*, by Frank Lima», *The Poetry Foundation*, Chicago,

<https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/browse?volume=106&issue=5&page=56>

CAPLES, Garrett, 2015,

<https://www.poetryfoundation.org/poetrymagazine/articles/70272/introduction-56d24a0bbeed>

CLARK, Tom, dezembro 1997, «Sensual and Streetwise – The Poetry of Frank Lima»,

SFGATE, <https://www.sfgate.com/books/article/Sensual-and-Streetwise-the-Poetry-of-Frank-Lima-2788695.php>

COELHO, Alexandra Lucas, "Juárez: Entre a Vida e a Morte" in jornal *Público* de 2 de agosto de 2010, <https://www.publico.pt/2010/08/02/mundo/noticia/juarez-entre-a-vida-a-morte-1449749?reloaded&rnd=0.09395171341047392>

EPSTEIN, Andrew, 2015, «[Frank Lima's Ode to the New York School of Poets](#)», *Locus Solus: The New York School of Poets*, <https://newyorkschoolpoets.wordpress.com/2015/11/17/frank-limas-ode-to-the-new-york-school-of-poets/>

EPSTEIN, Andrew, 2016, «Locus Solus: The New Youk School of Poets», <https://newyorkschoolpoets.wordpress.com/2016/02/04/frank-limas-inventory-reviewed-in-the-chicago-tribune/>

MARMER, Jake, 2016, «[Collected works of poet Frank Lima reflect a life of trauma, triumph](#)» ([chicagotribune.com](http://chicagotribune.com))

PARRA, Guillermo, 2013, "This is the sorrow of poetry in America." Frank Lima (1939-2013), *Venepoetics*, <http://venepoetics.blogspot.com/2013/10/this-is-sorrow-of-poetry-in-america.html>

STAFF, Harriet, 2016, «Celebrate Frank Lima», *The Poetry Foundation*, Chicago, <https://www.poetryfoundation.org/harriet-books/2016/01/celebrate-frank-lima-at-st-marks-poetry-project>

STAFF, Harriet, 2016, «Patrick James Dunagan Considers Frank Lima's New and Selected Poems at Bookslut», *The Poetry Foundation*, Chicago, <https://www.poetryfoundation.org/harriet-books/2016/03/patrick-james-dunagan-considers-frank-limas-new-and-selected-poems-at-bookslut>

STAFF, Harriet, 2014, «A Hard-Won Innocence: Remembering Frank Lima», *The Poetry Foundation*, Chicago, <https://www.poetryfoundation.org/harriet-books/2014/03/a-hard-won-innocence-remembering-frank-lima>

XU, Wendy, 2014, «Remembering Frank Lima (1939 – 2013)», *Fanzine*, <https://newyorkschoolpoets.wordpress.com/2016/02/04/frank-limas-inventory-reviewed-in-the-chicago-tribune/>

«Q & American Poetry: Frank Lima», 1999, *Poetry Society of America*, <https://poetrysociety.org/poems-essays/q-a-american-poetry-1/frank-lima>

Anexo: Tradução minha de alguns poemas de Frank Lima

**Mom I'm All Screwed Up** <sup>29</sup>

Moth-eyed

by the neon sign

I peeped

at the stiff little worms

screwing in your head

spider crabs crawled in my hear

With popping antennae ringlets

you looked like

a praying mantis

cold cream & turban

science fiction gleam

as real

as cancer

spreading

stuffed-tits-and-rag-guts

yawning

brillo-crotch

that stunk

all over me

playing

Johnny-on-the-pony

on me

indoors

The mattress groaned

I moaned

Mom

---

<sup>29</sup> Poema de *Inventory. Poems* (1964).

I'm no horse

you have pimples on your butt

your bellybutton droops

your boy-pop left

the rose of your hopes

no

no

With lollipop-grin lips

on my solitaire piece

you had no teeth

I'm still scaling scabs of

hot garlic

slob-kisses

isn't mamacita's heart going to

kiss mom

good night

*no*

*no*

*no.*

## Mãe Estou Todo Fodido

Encandeado

pelas luzes de néon  
eu entrevia  
os pequenos vermes rijos  
a escarafunchar-te a cabeça  
caranguejos-aranha  
enfiaram-se no meu ouvido

Com cachos de antenas espetados

parecias  
um louva-a-deus  
com creme gelado & turbante  
e brilho de ficção científica  
tão real  
como cancro  
espalhando-se  
peitos recheados e tripas de trapo  
bocejantes  
virilhas de esfregão  
que fediam  
em cima de mim  
jogando  
ao cavalinho  
em cima de mim  
dentro de casa

O colchão rangeu

eu gemi  
Mãe  
Eu não sou um cavalo  
tens borbulhas no rabo  
o teu umbigo descai

o teu miúdo explosivo deixou  
a rosa da tua esperança

não

não

Com um esgar de chupa-chupa nos lábios

no meu naco solitário

não tinhas dentes

ainda estou a largar escamas de

alho quente

beijos desleixados

o amor da *mamacita* não vai dar

um beijo à mãe

de boas noites

*não*

*não*

*não.*

I wanted to be sure this war was our island  
so we could walk between the long stars by the sea  
though our hips are slight and caught in the air  
like a moth at the end of a river around my arms  
I am unable to understand the sun your dizzy spells  
when you form a hand around me on the sand

I offer you my terrible sanity  
the eternal voice that keeps me from reaching you  
though we are close to each other every autumn  
I feel the desperation of a giant freezing in cement  
when I touch the door you're pressed against  
the color of your letter that reminds me of flamingos

isn't that what you mean?  
the pleasure of hands and  
lips wetter than the ocean  
or the brilliant pain of  
breathless teeth in a  
turbulent dream on a roof  
while I thought of nothing  
else except you against  
the sky as I unfolded you  
like my very life a liquid  
signal of enormous love we  
invented like a comet that  
splits the air between us!

the earth looks shiny wrapped in steam and ermine  
tired of us perspiring at every chance on the floor  
below I bring you an ash tray out of love for the  
ice palace because it is the end of summer the end  
of the sun because you are in season like a blue

rug you are my favorite violin when you sit and  
peel my eyes with your great surfaces seem intimate  
when we merely touch the thread of life and kiss

7.30.69

**verão (um poema de amor)**

queria ter certeza de que esta guerra era a nossa ilha  
para que pudéssemos caminhar entre as longas estrelas à beira-mar

embora os nossos quadris sejam leves e estejam suspensos no ar  
como uma traça no final de um rio à volta dos meus braços  
não consigo entender o sol os teus feitiços estonteantes  
quando formas uma mão em volta de mim na areia

ofereço-te a minha sanidade terrível  
a eterna voz que me impede de te alcançar  
apesar de estarmos perto um do outro em cada o outono  
sinto o desespero de um gigante a congelar no cimento  
quando toco na porta à qual estás encostada  
a cor da tua letra lembra-me flamingos

não é disso que falas?  
do prazer de mãos e  
lábios mais molhados que o oceano  
ou da dor brilhante de  
dentes ofegantes num  
sonho turbulento num telhado  
enquanto não penso em mais nada  
senão em ti contra  
o céu consoante te desdobrava  
como a minha própria vida um sinal  
líquido de um amor enorme  
que inventámos como um cometa que  
divide o ar entre nós!

a terra parece brilhante envolta em vapor e arminho  
farta de nós a transpirar em cada oportunidade no chão  
abaixo trago-te um cinzeiro por amor  
ao palácio de gelo porque estamos no fim do verão no fim  
do sol porque estás no cio como um tapete  
azul és o meu violino preferido quando te sentas e  
descasas os meus olhos com as tuas grandes superfícies parecem íntimas

quando apenas tocamos o fio da vida e nos beijamos

30.7.69

**Plena**<sup>30</sup>

During the day I play at drowning  
looking for the smoke

---

<sup>30</sup> Poema de *Angel* (1976).

of eyelashes and faded hair  
the lilac shadows of blood  
and the ruins of coffee  
but a night  
I dream of the last syllable  
in my mother's heart  
the last red word in her lungs.

## **Plena**

Durante o dia finjo que me afogo  
enquanto procuro a fumaça  
de pestanas e cabelos desbotados  
as sombras lilases do sangue

e as ruínas do café  
mas de noite  
sonho com a última sílaba  
no coração da minha mãe  
a última palavra vermelha nos seus pulmões.

### **Scattered Vignettes**<sup>31</sup>

I remember what I remember  
I remember writing a poem  
About me  
About you

---

<sup>31</sup> Poema de *Inventory: New & Selected Poems* (1997).

About the Christ

About the thing in the garden:

We were stars in my mother's belly.  
We were the faces of the angels;  
like the angels we came into this world  
with blood on our wings.

The angels are God's hit squad:  
Whenever He wanted someone assassinated,  
He sent an angel to do His dirty work:  
Sodom and Gomorrah.  
The angels always smell  
like fine cigars.

My father's mother was a poor Indian who made  
And sold confections in the streets  
Of Guadalajara to make ends meet.  
The town doctor was  
Don Francisco Lima,  
Of Castilian descent  
and my grandmother,  
Benigna's paramour.

Don Francisco died when my father was very young.  
My grandmother  
armed herself with a gun  
and took my father to the  
funeral to see his father for the last time.

This was scandalous to  
Don Francisco's grieving family,  
and his practice which was the entire town.

As a boy I imagined my grandmother  
stepping out of a Paul Muni cloud of dust  
with a long barreled gun in one hand  
and this filthy neonate in tow in the other hand.  
The white European-descent-small-Mexican- town aristocracy  
must have shit in their white stucco catholic church!

My father would relate these events to me  
while at the kitchen table,  
in tears,  
between drinks on his only day off.  
When my father spoke of his childhood  
in Mexico,  
I could hear the mariachis singing  
“La Paloma” in the background  
and see the white dove on the windowsill.

One hot, dry day after the funeral my grandmother,  
accompanied by my father, was selling her candies  
when she was approached by a young man on horseback  
who turned out to be my father’s half brother.

He was abusive to my father’s mother.  
Why else  
would one hack his own half brother to death?

My father fled the country.  
He was wanted for murder.  
The story got murky.  
My father was drunk and pissed in his pants.

I don’t remember him ever vomiting;

he was a real pro.

Anyway,

he became a romantic fugitive  
bumming around the country eating raw potatoes,  
iguanas (the Mexican walking lunch)  
and hiding in abandoned barns and farm houses.

He finally made his way east to Veracruz  
where he boarded a merchant ship bound for Europe.  
He was a stowaway.

His tale of survival was permeated with spirits  
and machismo.

He hid in a coal bin  
and ate whatever moved within his reach.

He was discovered by a stoker  
who took pity on his emaciated  
and filthy condition.

This chthonic creature  
from the bowels of the ship  
saved my father's life  
by sharing stale bread  
and rotten vegetables with him.

My father was convinced  
the stoker  
was not what he appeared to be.

He was the *vision serpent* sent  
by his forefathers to rescue him:

the stoker's aspect would change

from a man to an animal:  
sometimes he appeared before my  
father as a bat with bread  
as a snake with water or  
when my father was homesick  
and missed his mother  
the stoker would appear  
as a spider with sugar

My father was not afraid of the dark.  
It was its vastness  
and lack of sunlight  
that my father found foreboding and ominous.

In the immensity of that metal darkness  
he would cry for the sun to appear  
and blind his mind of all memory:

his tears were  
    tiny glass scorpions  
        tumbling from his face,  
            shattering on the floor  
                forming little pools  
                    of light

The soot-covered wingless angel  
of mercy never betrayed my father's  
whereabouts to anyone onboard ship.  
My father expressed these events  
to me  
with reverence  
as if he were reciting  
a long forgotten prayer.

Although he was frozen and silent,  
I imagined his eyes  
were speaking to me  
and divulging secret adventures  
that I would  
understand when I got older.  
Perhaps even undertake myself.

My father never spoke to me  
or my brothers while he was sober.  
He was proud of the scars on his face  
and a bullet embedded in his back  
that looked like a baby trying to escape  
from a flaccid marshmallow Easter egg.

He never played with us or touched us  
except when he was drunk.  
On Sunday morning he would wake us up:  
He would be wearing my mother's negligee,  
her bra, exaggerated makeup and sloppy lipstick.

He would come into our beds to roughhouse with us.  
Through my mother's nightgown I could see  
and feel the hair on his body,  
like chicken wire covered with velvet.

On Sunday mornings I attended mass at Saint Cecilia's  
Roman Catholic church with my grandmother,  
Dolores, which is plural for pain: Many pains.  
She was my mother's mother.

I was an altar boy  
in the service of the church

and the almighty Father Archangel  
who perspired a lot no matter what the weather was.

A pious man with gullet  
was the ciborium of the  
sacred blood of Christ:

Each day,  
at dusk,  
Father Archangel was in a  
sublunary alcoholic fog,  
Stumbling and grunting in the sacristy,  
shooing away the floating angels  
he had disgorged into the piscina.

He was often hungover and irritable  
the following day and acted as if  
he had survived a meaningless war  
where he had lost every thing,  
his biretta,  
his immortal soul.

He would be out of spiritual breath  
as he climbed out of his wine-colored pit.  
During these humane interludes,  
he would often speak to me  
in quiet tones about the priesthood  
and its burdens.

One such burden was his erotic dreams  
and the torments he suffered  
when he had an erection.  
He would ask me if I,  
at my age,  
had erotic dreams and erections.

He would never let me answer the questions,  
and interject, reassuringly,  
that it was natural and physical.

I knew at that instance he had another  
ecclesiastical attack of libidinal repentance.

What is the act of contrition  
for a twelve year old priest-fucker?

I thought,  
how can I get kicked out of the mother church?

Get excommunicated!

In those days there was no such thing  
as ratting-out an aging,  
fag priest.

It came to me in a walking dream  
on my way home from school:  
Saturday night when everyone was asleep

I took my mother's Alka-Seltzer  
from the medicine cabinet,  
unwrapped them carefully  
and placed them in a napkin in my  
Sunday-pants' pocket.

Sunday morning before mass  
I very carefully substituted  
the holy wafers with the Alka-Seltzer.

I arranged them in such a way  
that every other person would receive  
one Alka-Seltzer.

I felt an extraordinary feeling of accomplishment  
and genius for someone who could not read the word "the".

At the same time I was petrified with fear;  
my legs were weak and would carry me.  
It was going to be the end of the world.

*The Daily News* would carry the story  
when the smoked cleared  
and they found my beige body.

That was wishful thinking.  
The big white finger in the sky  
would get me first and drill me  
like a gimlet right into hell!

Maybe I could cut a deal with the devil and paint signs for him.  
It was the only thing I did well in school.  
Maybe I could learn to read in hell.  
Anyway, I would get there before Father Archangel  
and whack him since I was already in hell.

The eucharistic rite was in slow motion:  
Father Archangel was shining and white,  
floating in the air as he performed the rites.  
My feeling was he knew what was going to happen  
and deliberately let it happen in order to become  
a martyr and a saint.

There were millions of expectant parishioners  
in the church that morning.  
Santa Cecillas,  
a church no bigger than a house fly,  
in the village of Spanish Harlem,  
had miraculously become a gigantic cathedral that morning

because it knew that an extraordinary event would take place  
and that I was responsible.

Then everything stopped moving  
except for Archangel's hands  
inserting the holy wafer  
into the open mouths of the expectant parishioners  
that instantly erupted belching white foamy lava.

They were like mad dogs foaming in the mouth  
and barking at the oblivious priest  
as he held the apocryphal Grail up to heaven  
offering my beige body,  
my blood  
to Jesus Christ.  
He screamed!

And I disappeared  
into a long puff  
of marijuana,  
alcohol and drugs.

My mother is a *Santera*:  
*Santerismo* is not witchcraft.  
Witchcraft implies evil doing.  
In *Santerismo*  
the person who offers the service  
is the belief system.  
The services can bring harm to someone;  
can right a wrong;  
effect a cure of an illness;  
attract or drive away a lover.

She employs auguries,  
strange forms of phylacteries,  
talismas  
and all manner of potions,  
Including rituals for unrequited love when  
menstrua occurs.

Notwithstanding,  
a *Santeria* is a medium,  
A vessel for the spirits from heaven or hell:  
These spirits would occupy my mother's body  
and use her faculties to communicate with the payee.  
She did well.

The procurer of my mother's services would benefit,  
therefore it is not considered evil.

Only the two demons that are at the right and left  
of the devil, *Altaro*, *Altaclan*, and the one in front of him,  
the most malefic, *Altaru*, are evil.  
Therefore, one respects the devil  
as he directly does not cause evil.  
Evil is the invocation and not the act of placing a glass  
of clear water with a rose in it on a windowsill.

My mother would dress me up  
in little girls' dresses  
before I was old  
enough to attend school.

She often photographed me on these occasions  
and would show them to her friends with the  
casualness of a reminiscing parent.

And with the manners of a pedantic official,  
she would speak of me as if I were far away  
attending some wonderful college.

In this tableau vivant,  
my mother would mention that she always wanted a girl.  
In these soft black and white photographs  
I would be wearing a voluminous  
white dress;  
bobby socks  
and buckled shoes to match;  
my hair was long and curly,  
and arranged in a coif of light colored ribbons.  
I had a puzzled look on my face.

When I began grade school I was ashamed  
to go to the boys' room with the other boys  
because I was wearing little girl's underwear that were  
pink and shiny.

While my father was at work,  
my mother had male friends to visit her.  
I was forbidden to even mention these visits to my father  
or my grandparents who lived in the same building just  
across the hall:

My family and my mother's family occupied the entire floor.  
We were told (I have two younger brothers, Phillip and Kelly)  
to stay in our room during these visitations.  
I would sneak out and watch my mother engage  
in acts with these men that I had witnessed the  
night before while my mother and father thought  
we were asleep.

I remember one of my mother's paramours in particular,  
*el Patilludo*, the one with exaggerated sideburns.

He was always attired in black bell bottom pants and had shinny,  
black mummified hair that was as sleek and tight as a shower cap  
on his head and obviously attended to with laborious care.

He was taller than my mother.

I would watch: He would be kneeling in front of her  
between her legs in the kitchen as that was the farthest room  
and the most remote from the bedroom.

He would have tears in his eyes that accumulated  
on his mustache like icicles.

My mother would lovingly,  
with the tip of her tongue,  
lick the tears from his eyes.

*El Patilludo* looked like one of the flamenco dancers  
in a poster that hung in the living room.

I once overheard my mother mention that he reminded  
her of Valentino, the great lover of silent films.

Yeah, right. Only if Valentino had the puffy cheeks  
of a beer drinker.

My mother's lovers all had code names  
as they were more often than not  
the surreptitious exchange between her  
and her band of house-coat-and-pin-curler friends  
immediately following the departure  
of one of my mother's lovers.

They were  
hungry lionesses  
quickly approaching  
a freshly killed corpse  
of gossip.

My mother was the queen been who provided  
lascivious pollen to these pedestrian drones.

The kitchen was suddenly aglow with  
their shiny cold cream faces  
and the hushed tones of erotic whispers;  
a forum for explicit comparisons of amatory techniques  
and erogenous wishful thinking as these women  
were all married and would not dare cheat  
on their Carlos and Fernando:

Mr. Spanish Dick, Sr.

The consequences would be  
facial disfigurement  
with a straight razor  
or two slashes across the ass,  
so she could not lay on her back  
and fuck anybody else,  
by a self-righteous,  
jealous husband who had been  
fucking anything that walked,  
in the name of his manly,  
macho duty because all mighty  
God had given him  
His only begotten twelve inch dick!

My family life came to an abrupt end  
when I mentioned these events to my  
grandmother who confronted my mother.

My mother became a beige tropical tower  
scintillating anger who threw me out  
of the house naked into the hall of  
the building for betraying her.  
I lived with my grandparents after that.  
My mother did not speak to me for months.

At my grandparents',  
I listened to the radio late into the night.  
The radio was a miniature church with a green,  
luminous Christ that emanated music and white,  
masculine voices that told stories.

As I listened  
late at night,  
A ate salt from my left hand,  
while turning the dial  
with my right hand.  
I was the only human being  
alive  
on the face of the earth  
and I was communicating  
with fantastic beings  
in the green cathode night.

Eventually I returned home. My father was losing  
one job after another because of his drinking.  
He was hallucinating, chasing away the *vision serpent*  
and becoming violent and dangerous.  
When my parents separated I remember going to school  
on an abandoned iceberg, not being able to read or spell  
words that I could the day before for the teacher.  
I wrote plays for a puppet theater I had constructed

and recited poetry from memory. All that vanished when my father left home. Until now that has been the most tragic event in my life.

The end came one Sunday spring afternoon at dinner, when, what seemed, without provocation, my father cut the left side of my mother's face. In slow motion my brother Philip and I beat him with baseball bats into a pool of blood.

I had a .22 caliber automatic Italian Baretta that I jammed in his face, cocked the trigger, and told him to back off, to leave.

He looked at me as if he were going to tell me one last story with his eyes once again, he smiled ever so slightly and told my mother, without ever taking his Maya -black eyes from me, that I would cause her the most pain and Trouble. He left and so did the Mariachis and "*La Paloma*" on the windowsill.

One summer afternoon some of my boyhood friends told me that their parents had seen my father on a bench on East 110th in Central Park drinking with a bunch of bums. I don't remember walking or running to the park to see my Father. I just appeared across the street and he was there, dirty and unshaven.

He was sitting on a bench with his arms around a woman who was fat and as dirty as he was. There were other derelicts on the park bench, but the woman fascinated me for some unknown reason. Her stockings were loosely rolled around her ankles. My father's once jet black hair was grey and as long as the Indians' on TV.

Although it was summer he was wearing a tattered winter coat that was many sizes too big.

He was Moses-Charlton Heston holding a pint of wine up to the sky in one hand and the woman's hand in the other. The bottle was the law and he was his staff.

The woman and my father were both drinking from the same bottle as if they were sharing some spiritual part of their lives, some mysterious part of their bodies, with each other. There was something magical in that bottle that bound them together. That woman and what was left of my father would part the sea in my life forever.

I stared and did not cross the street to speak to him. I vanished as quickly as I appeared into another puff of smoke.

I remember it was a noisy spring in Spanish Harlem when I came home one evening after running the streets. I found my mother in the bedroom sitting in front of her Renaissance Bronx-Italian vanity; her face was glowing with mascara and rouge. She was wearing large ornamental, miniature Playground-swing earrings made of gold, and all her jewelry and her favorite perfume, FOLLOW ME: It was a dark blue bottle with a white decal of a palm tree and a quarter moon.

Her hair was in what she called her Joan Crawford upsweep, held in place, in the center, by a large Spanish comb that was flanked by two long ornate, lethal skewers.

Her eyes were puffy and moist. She looked like a Chinese emperor with lollipops in her hair. She calmly faced me and informed me that my father was dead.

Before I uttered a word, she became quite erect and  
Announced, with an air of glutinous authority,  
that the cause of his death was “acute alcoholism.”

She almost smiled as if the term would somehow  
dignify his condition in Central Park.

As if he were a great casualty of an honorable war.

The fierce caveman in drag was dead.

The warrior who vanquished cirrhotic spirits was dead.

My mother began to drink a lot.

One summer night she was drinking and became ill.

She was glistening and perspiration,  
cheap perfume and wrapped in cigarette smoke.

She asked me to help her to bed.

She was wearing a house dress with nothing underneath.

This was shortly after my father’s death.

I may have been twelve,  
perhaps younger.

She asked me to lie next to her.

I did and fell asleep next to her  
with extraordinary anticipation.

When I awoke she was a warm mist hovering,  
suspended over me,

Naked,

a giant night bird

whose soft long feathers

were sweeping my body away

into the cumulus clouds

of black pubic hair.  
My pants were down to my knees.  
I looked at her for an instant.  
A nano second in a boy's erotic time.

She was startled.  
I put myself back to sleep.  
No, a coma.

the bells  
in all children's books  
were broken  
all the shooting stars fell  
out of heaven  
and it was forever darkness  
and sadness  
at night the moon would burn  
thereafter  
like a rose  
that would always belong  
To my mother

I had drunk  
Medusa's blood,  
in the dark,  
saw her face,  
but,  
unlike Perseus,  
I became the blind groom  
of unfathomable  
fascination

After that whenever she began to drink,

I would stay home with her.

She was the moonlight.

She was the darkness.

When my boyhood friends would boast of

seeing so-and-so's panties,

I would go home to be with my mother.

My first arrest took place in junior high school:

a gun.

My second arrest:

a gun, etc.

I was in a club called

The Young Demons.

We were into guns,

drugs and territory.

My life was rehabs,

Arrests and jails

Crabs

Syphilis

Hepatitis

And finally

The mad houses:

These were the walls of insomnia

Where Dante became incontinent and feeble,

Twirling his eighteen inch Asian penis;

Where God sat in an antique electric chair

Preaching the gospel of a heaven made of iron;

Where doctors and lawyers

Burned their faces with lighted cigarettes;

Where human excrement was soap

And patients removed imaginary wires from their throats;

Where the clouds of heaven could be bought for a blow job.

### **Vinhetas espalhadas**

Lembro-me do que me lembro

Lembro-me de escrever um poema

Sobre mim

Sobre ti

Sobre Cristo

Sobre a coisa no jardim:

Éramos estrelas no ventre da minha mãe.  
Éramos as caras dos anjos;  
como os anjos vínhamos a este mundo  
com sangue nas nossas asas.

Os anjos são a brigada mercenária de Deus:  
Quando Ele queria que alguém fosse assassinado,  
Mandava um anjo fazer o trabalho sujo por Ele:  
Sodoma e Gomorra.  
Os anjos cheiram sempre  
a bons charutos.

A mãe do meu pai era uma pobre índia que fazia  
e vendia doces nas ruas  
de Guadalajara para fazer face às despesas.  
O médico da cidade era  
o Don Francisco Lima,  
de ascendência castelhana  
e a minha avó,  
Benigna, sua amante.

Don Francisco morreu quando o meu pai era muito jovem.  
A minha avó  
arranjou uma arma  
e levou o meu pai ao  
funeral para ele ver o seu pai pela última vez.

Isto escandalizou  
a família enlutada do Don Francisco,  
e os seus pacientes que eram a cidade toda.  
Em miúdo imaginava a minha avó  
a sair de uma nuvem de pó à Paul Muni

com uma arma de cano longo numa mão  
e uma criança imunda a reboque na outra.

A aristocracia branca de ascendência europeia de uma pequena cidade do México  
deve-se ter cagado toda na igreja católica de estuque branco!

O meu pai relatava-me estes acontecimentos  
à mesa da cozinha,  
lavado em lágrimas,  
entre copos no seu único dia de folga.  
Quando o meu pai falava da sua infância  
no México  
conseguia ouvir os mariachis a cantar  
“La Paloma” em música de fundo  
e via a pomba branca no parapeito.

Num dia quente e seco depois do funeral a minha avó,  
acompanhada pelo meu pai, estava a vender os seus doces  
quando foi abordada por um jovem a cavalo  
que afinal era o meio-irmão do meu pai.

Ele era abusivo para com a mãe do meu pai.  
Por que mais  
alguém espancaria o seu próprio meio-irmão até à morte?

O meu pai fugiu do país.  
Era procurado por homicídio.  
A história tornou-se obscura.  
O meu pai estava bêbedo e mijava nas cuecas.

Não me lembro de ele alguma vez vomitar;  
era um profissional.

Adiante,  
ele tornou-se um fugitivo romântico  
vadiando pelo país a comer batatas cruas,  
iguanas (o almoço mexicano andante)  
e escondendo-se em celeiros e quintas abandonados.

Finalmente seguiu para o leste, para Veracruz  
Onde embarcou num navio mercante com destino à Europa.  
Era um clandestino.

A sua história de sobrevivência estava impregnada de espíritos  
e machismo.

Escondeu-se numa lata de carvão  
e comeu tudo o que se mexesse e estivesse ao seu alcance.

Foi descoberto por um armazenador  
que teve pena do seu estado emaciado  
e sujo.

Esta criatura ctónica  
das entranhas do navio  
salvou a vida do meu pai  
partilhando pão velho  
e vegetais podres com ele.

O meu pai estava convencido  
de que o armazenador não era aquilo que parecia.  
Ele seria a visão da serpente enviada  
pelos seus antepassados para o salvar:

o aspeto do armazenador mudava  
de homem para animal:  
às vezes ele aparecia ao meu  
pai na forma de um morcego com pão  
de uma serpente com água ou

quando o meu pai tinha saudades de casa  
e sentia falta da mãe  
o armazenador aparecia  
na forma de uma aranha com açúcar

O meu pai não tinha medo do escuro.  
A sua vastidão  
e a ausência de luz solar  
é que eram de mau presságio e ameaçadoras para o meu pai.

Na imensidão daquela escuridão metálica  
ele chorava para que o sol aparecesse  
e o cegasse de todas as memórias:

as lágrimas dele eram  
pequenos escorpiões de vidro  
caindo-lhe da cara  
quebrando-se no chão  
formando pequenas poças  
de luz

O anjo misericordioso sem asas coberto de fuligem  
nunca denunciou o paradeiro do meu pai  
a ninguém a bordo do navio.  
O meu pai relatava-me estes acontecimentos  
com reverência  
como se recitasse  
uma longa oração esquecida.  
Apesar de ele ficar gelado e silencioso,  
imaginei que os seus olhos  
falavam comigo  
e revelavam aventuras secretas  
que talvez

viesses a compreender quando fosse mais velho.  
Quicá até vivê-las eu próprio.

O meu pai nunca falou comigo  
ou com o meu irmão enquanto estava sóbrio.  
Tinha orgulho das cicatrizes na cara  
e da bala alojada nas costas  
que parecia um bebé a tentar escapar-se  
de um ovo da Páscoa de *marshmallow* flácido

Ele nunca brincou connosco nem nos tocou  
exceto quando estava bêbedo.  
Aos domingos de manhã acordava-nos:  
Vestia a camisa de noite da minha mãe,  
o soutien dela, maquilhagem exagerada e batom esborratado.

Vinha para as nossas camas brigar connosco.  
Através da camisa de noite da minha mãe eu conseguia ver  
e sentir os pelos do corpo dele,  
pareciam rede de arame coberta de veludo.

Aos domingos de manhã eu assistia à missa da Igreja Católica  
de Santa Cecília com a minha avó,  
Dolores, que é o plural de dor: Muitas dores.  
Ela era mãe da minha mãe.

Eu era um acólito  
ao serviço da igreja  
e do todo-poderoso Padre Arcanjo  
que transpirava imenso independentemente do tempo.  
Um homem piedoso cuja garganta  
era o cibório do  
sangue sagrado de Cristo.

Todos os dias,  
ao entardecer,  
o Padre Arcanjo estava  
mergulhado numa névoa alcoólica sublunar,  
tropeçando e grunhindo na sacristia,  
enxotando os anjos flutuantes  
que vomitara na pia batismal.

Muitas vezes estava ressecado e irritado  
no dia seguinte e agia como se  
tivesse sobrevivido a uma guerra insignificante  
na qual tivesse perdido tudo,  
o seu barrete <sup>32</sup>,  
a sua alma imortal.

Ele ficava sem fôlego espiritual  
conforme saía do seu poço cor-de-vinho.  
Durante estes interlúdios humanos,  
muitas vezes falava comigo  
em voz baixa sobre o sacerdócio  
e os seus fardos.

Um deles eram os seus sonhos eróticos  
e os tormentos que sofria  
quando tinha uma ereção.  
Perguntava-me se eu,

---

<sup>32</sup> Chapéu quadrado com três palas levantadas e, geralmente, uma borla ao centro. O barrete é usado nos seguintes momentos: nas procissões de entrada e de saída, exceto se o Santíssimo Sacramento estiver exposto (como na procissão de saída de Corpus Christi); enquanto se está sentado, exceto se o Santíssimo Sacramento estiver exposto (por exemplo, durante a Comunhão); e para fazer a homilia. Segundo os antigos manuais de Liturgia, não se usa o barrete para realizar ações sagradas. Por exemplo, o presbítero não pode dar a bênção no final da Missa com o barrete, nem, ao administrar o Batismo, realizar a infusão da água ou as unções endossando o barrete. O barrete doutoral, com quatro palas, usado pelos sacerdotes que possuem um Doutorado, é proibido na Liturgia, sendo permitido apenas fora dela. O barrete integra as vestes corais dos diversos clérigos, podendo ser usado também com a veste talar de uso quotidiano, exceto no caso dos Cardeais.

com a minha idade,  
tinha sonhos eróticos e ereções.  
Nunca me deixava responder às perguntas,  
e afirmava, de modo tranquilizador,  
que era natural e físico.

Soube naquele instante que ele estava a ter outro  
ataque eclesiástico de arrependimento libidinal.  
Qual é o ato de contrição  
para um miúdo de doze anos que fode o padre?

Pensei,  
como posso ser expulso da igreja?  
Sendo excomungado!  
Naquele tempo não existia tal coisa como  
denunciar um velho  
padre paneleiro.

Então ocorreu-me como num sonho acordado  
quando regressava da escola:  
sábado à noite quando todos dormiam  
tirei os Alka-Seltzer da minha mãe  
do armário dos medicamentos,  
desembrulhei-os cuidadosamente  
e coloquei-os num guardanapo  
no bolso das minhas calças de domingo.  
Domingo de manhã antes da missa  
substituí com todo o cuidado  
as hóstias por Alka-Seltzer.  
Dispu-las de maneira  
a que pessoa sim, pessoa não recebesse  
uma Alka-Seltzer.

Tive uma estranha sensação de realização  
e gênio para alguém que não conseguia ler a palavra “da”.  
Ao mesmo tempo estava petrificado de medo;  
as pernas fraquejavam e não me levavam.  
la ser o fim do mundo.

O “The Daily News” contaria a história  
quando tudo acalmasse  
e encontrassem o meu corpo bege.

Mas esses pensamentos eram ilusórios.  
O grande dedo branco divino  
havia de me apanhar antes e de me perfurar  
qual broca até aos infernos!

Talvez eu conseguisse fazer um pacto com o diabo e lhe pintasse uns letreiros.  
Era a única coisa que fazia bem na escola.  
Talvez aprendesse a ler no inferno.  
De todos os modos, eu chegaria lá antes do Padre Arcanjo  
e afinfar-lhe-ia, uma vez que já estaria no inferno.

A eucaristia decorria em câmara lenta:  
O Padre Arcanjo estava resplandecente e branco,  
flutuava no ar enquanto celebrava os ritos.  
Pressentia que ele sabia o que ia acontecer  
e o permitia deliberadamente para se tornar  
mártir e santo.

Havia milhões de paroquianos expectantes  
na igreja naquela manhã.  
Santa Cecília,  
uma igreja do tamanho de uma mosca,  
no bairro do Harlem hispânico,

tinha-se milagrosamente tornado numa catedral gigantesca nessa manhã  
pois sabia que ocorreria um acontecimento extraordinário  
pelo qual eu era responsável.

Depois tudo se imobilizou  
exceto as mãos do Arcanjo  
a inserirem a hóstia sagrada  
nas bocas abertas dos paroquianos expectantes  
que imediatamente arrotavam uma lava branca espumosa.

Pareciam cães danados espumando da boca  
e ladrando ao padre absorto  
consoante ele segurava o cálice apócrifo em direção ao céu  
oferecendo o meu corpo bege,  
o meu sangue  
a Jesus Cristo.  
Ele gritou!  
E eu desapareci  
numa longa nuvem de marijuana,  
álcool e drogas.

A minha mãe é uma *Santera*.  
*Santerismo* não é feitiçaria.  
A feitiçaria implica fazer o mal.  
No *Santerismo*  
a pessoa que oferece o serviço  
é o sistema de crenças.  
Os serviços podem fazer mal a alguém;  
podem emendar um erro;  
curar de uma doença;  
atrair ou afastar um amante.

Ela emprega vaticínios,

estranhas formas de filactérios,  
talismãs  
e todo o tipo de poções,  
incluindo rituais para o amor não correspondido quando  
a menstruação aparece.

Não obstante, uma Santera é uma médium,  
Um veículo para os espíritos do céu ou do inferno:  
Estes espíritos ocupavam o corpo da minha mãe  
e usavam as suas capacidades de comunicar com o consultante.  
Ela saía-se bem.

A pessoa que procurasse a minha mãe beneficiava,  
logo não se pode considerar um mal.  
Apenas os dois demónios que estão à direita e à esquerda  
do demónio, *Altaro*, *Altaclan*, e o outro em frente dele,  
o mais maléfico, *Altaru*, são do mal.  
Portanto, respeita-se o diabo  
pois ele não causa o mal diretamente.  
O mal é a invocação e não o ato de colocar um copo  
de água limpa com uma rosa no parapeito.

A minha mãe vestia-me  
com vestidos de menina  
antes de eu ter idade  
para ir à escola.

Muitas vezes nestas ocasiões tirava-me fotografias  
que depois mostrava aos amigos com a  
casualidade de um antepassado saudoso.  
E com os modos de um oficial pedante,  
falava de mim como se eu estivesse longe  
numa universidade maravilhosa.

Neste *tableau vivant*,  
a minha mãe dizia que sempre quis uma rapariga.  
Nestas suaves fotografias a preto e branco,  
eu vestia um volumoso  
vestido branco;  
soquetes  
e sapatos de fivela a combinar;  
o meu cabelo era longo e encaracolado,  
e estava arrumado numa touca de fitas claras.  
Eu tinha uma expressão confusa.

Quando entrei na escola primária tinha vergonha  
de ir à casa de banho com os outros rapazes  
porque usava cuecas que eram  
cor-de-rosa e reluzentes.

Enquanto o meu pai trabalhava,  
os amigos homens da minha mãe visitavam-na.  
Eu estava terminantemente proibido de mencionar estas visitas ao meu pai  
ou aos meus avós, que viviam no mesmo prédio  
do outro lado do corredor:

A minha família e a da minha mãe ocupavam o piso todo.  
Diziam-nos (tenho dois irmãos mais novos, Phillip e Kelly)  
para ficarmos no nosso quarto durante essas visitas.  
Esgueirava-me para ver a minha mãe fazer  
com estes homens aquilo que testemunhara na  
noite anterior, enquanto a minha mãe e o meu pai pensavam  
que dormíamos.

Lembro-me de um dos amantes da minha mãe em particular,  
*El Patilludo*, que tinha um exagero de patilhas.

Ele usava sempre umas calças à boca de sino pretas e tinha cabelos pretos e brilhantes mumificados tão lisos e justos à cabeça como uma touca de banho que obviamente tratava com um cuidado laborioso.

Era mais alto que a minha mãe.

Eu olhava: Ele ajoelhava-se na frente dela entre as suas pernas na cozinha, que era a divisão mais remota e a mais distante do quarto.

Ele ficava com lágrimas nos olhos que se acumulavam nos bigodes como stalactites.

Amorosamente, a minha mãe lambia-lhe as lágrimas dos olhos com a ponta da língua.

*El Patilludo*<sup>33</sup> parecia um dos bailarinos de flamenco do poster que estava pendurado na sala.

Uma vez ouvi a minha mãe dizer que ele lhe lembrava o Valentino, o grande amante do cinema mudo.

Pois sim. Só se o Valentino tivesse as bochechas inchadas de beber cerveja.

Todos os amantes da minha mãe tinham nomes de código pois, na maioria das vezes, eram trocados sub-repticiamente pelo seu bando de amigas que usavam roupões e modeladores de cabelo imediatamente após a partida de um dos amantes de minha mãe.

Elas eram  
leões famintas  
que se aproximavam rapidamente  
de um cadáver ainda quente

---

<sup>33</sup> Em espanhol, pessoa que tem patilhas exageradas. Em linguagem coloquial, pessoa maldisposta ou aborrecida (N. da T.).

com intrigas.

A minha mãe era a abelha-rainha que fornecia  
pólen lascivo a estes zângãos pedestres.

Subitamente a cozinha iluminava-se com  
as suas caras brilhantes de creme  
e os sons abafados de sussurros eróticos,  
um fórum para comparações explícitas de técnicas amorosas  
e ilusões erógenas, já que essas mulheres  
eram todas casadas e não ousariam trair  
os seus Carlos e Fernando:

Mr. Piço Espanhol, Sr.

As consequências seriam a  
desfiguração facial com uma navalha  
ou dois cortes ao longo do rabo,  
para que ela não conseguisse deitar-se de costas  
nem foder mais ninguém,  
feitos por um marido hipócrita  
e ciumento que fode tudo o que mexe  
em nome do seu dever viril  
e de macho porque Deus  
todo-poderoso lhe deu o seu  
único piço de trinta centímetros!

A minha vida familiar teve um fim abrupto  
quando falei destes casos com a minha  
avó, que confrontou a minha mãe.

A minha mãe transformou-se numa torre tropical bege  
cintilante de raiva que me expulsou  
de casa nu até à entrada do prédio por a ter traído.

Depois disso passei a viver com os meus avós.

A minha mãe não me falou durante meses.

Na casa dos meus avós,  
ouvia rádio até altas horas.  
O rádio era uma igreja em miniatura com um  
Cristo verde e luminoso do qual emanavam música e  
vozes masculinas e brancas que contavam histórias.

Conforme ouvia,  
tarde na noite,  
comia sal da minha mão esquerda  
enquanto sintonizava  
com a direita.  
Eu era o único ser humano  
vivo  
à face da terra  
e estava a comunicar  
com seres fantásticos  
na verde noite catódica.

Lá acabei por regressar a casa. O meu pai perdia  
um emprego a seguir ao outro por causa da bebida.  
Estava a alucinar, enxotava a serpente da visão  
e tornava-se violento e perigoso.  
Quando os meus pais se separaram, lembro-me de ir para a escola  
num iceberg abandonado, incapaz de ler ou soletrar  
palavras que soletrava no dia anterior perante o professor.  
Escrevi peças para um teatro de marionetas que construía  
e recitava poemas de cor. Tudo isso desapareceu  
quando o meu pai saiu de casa. Até hoje esse foi  
o acontecimento mais trágico da minha vida.  
O fim chegou num domingo de primavera à tarde  
ao jantar, quando, ao que parece, sem ser provocado,  
o meu pai cortou o lado esquerdo da cara da minha mãe.

Em câmara lenta, o meu irmão Phillip e eu batemos-lhe com um taco de basebol até o deixarmos numa poça de sangue. Eu tinha uma Baretta italiana automática com calibre 22 que espetei na cara dele, apertei o gatilho, e disse-lhe para recuar e ir embora.

Ele olhou para mim como se me fosse contar uma última história com os seus olhos outra vez, sorriu levemente e disse á minha mãe, sem nunca desviar os seus olhos negros de Maya de mim, que, mais do que qualquer outra pessoa, eu lhe causaria dor e inquietações. Ele saiu, tal como os Mariachis e *La Paloma* no parapeito.

Numa tarde de verão, alguns dos meus amigos de infância disseram-me que os pais deles tinham visto o meu pai num banco da East 110th no Central Park a beber com um bando de vagabundos. Não me lembro de caminhar nem de correr até ao parque para ver o meu pai. Simplesmente apareci do outro lado da rua e lá estava ele, sujo e com a barba por fazer.

Estava sentado num banco abraçado a uma mulher gorda e tão suja como ele. Havia outros sem-abrigo no banco do parque, mas a mulher é que me fascinou por alguma razão desconhecida. As meias dela caíam enroladas à volta dos tornozelos. O cabelo outrora preto do meu pai estava grisalho e comprido como o dos índios na TV. Apesar de ser verão, vestia um casaco de inverno esfarrapado muitos tamanhos acima do dele.

Ele era um Moisés-Charlston Heston que segurava um copázio de vinho em direção ao céu com uma mão e a mão da mulher com a outra. O álcool era a lei e ela a sua empregada.

A mulher e o meu pai bebiam da mesma garrafa como se estivessem a partilhar uma parte espiritual das suas vidas, uma parte misteriosa dos seus corpos, um com o outro. Havia algo mágico naquela garrafa que os unia. Aquela mulher e o que restava do meu pai separariam o mar da minha vida para sempre. Olhei estarecido e não atravessei a rua para lhe falar. Desapareci tão depressa como apareci noutra nuvem de fumo.

Lembro-me de que era uma noite de primavera ruidosa no Harlem Espanhol quando regresssei a casa uma noite depois de correr as ruas. Encontrei a minha mãe no quarto sentada em frente à sua vaidade Bronx-italiana renascentista; a cara dela brilhava com o rimmel e rouge. Usava uns grandes brincos ornamentais iguais às argolas do parque infantil feitos de ouro e todas as suas joias e o seu perfume preferido, FOLLOW ME: Tinha um frasco azul-escuro com um decalque branco de uma palmeira e um quarto de lua.

O cabelo dela estava apanhado naquilo que ela chamava de penteado à Joan Crawford, seguro, ao centro, por uma travessa espanhola flanqueada por dois longos espetos letais ornamentados.

Os seus olhos estavam inchados e húmidos. Parecia um imperatriz chinesa com chupa-chupas nos cabelos. Calmamente encarou-me e informou-me de que o meu pai estava morto. Antes que eu pronunciasse uma palavra, ela pôs-se muito direita e anunciou, com ar de autoridade glutinosa, que a causa da morte dele era “alcoolismo agudo”. Ela quase sorriu como se o termo, de algum modo, dignificasse a sua condição no Central Park. Como se ele fosse uma baixa de peso numa guerra honrosa.

O feroz homem das cavernas travestido estava morto.  
O guerreiro que derrotou os espíritos cirróticos estava morto.

A minha mãe começou a beber muito.  
Numa noite de verão, começou a beber e ficou doente.  
Cintilava com a transpiração e o  
perfume rasca, embrulhada em fumo de cigarro.  
Pedi-me que a ajudasse a entrar na cama.

Vestia uma camisa de noite sem nada por baixo.  
Isto foi pouco depois da morte do meu pai.  
Talvez tivesse doze anos,  
talvez menos.

Pedi-me que me deitasse ao lado dela.  
Obedeci e adormeci ao lado dela  
com uma antecipação extraordinária.

Quando acordei ela era uma nuvem quente pairando,  
suspensa sobre mim,  
nua,  
uma ave noturna gigante  
cujas penas longas e macias  
arrastavam o meu corpo  
para as nuvens altas  
de pelos púbicos pretos.  
As minhas calças estavam pelos joelhos.  
Olhei para ela por um instante.  
Um nano segundo em tempo erótico de rapaz.

Ela estava absorta.  
Obrigui-me a voltar a adormecer.  
Não, a entrar em coma.

os sinos  
de todos os livros infantis  
estavam partidos  
todas as estrelas cadentes caíram  
do céu abaixo  
e só restaram a escuridão  
e a tristeza  
de noite a lua ardia  
a partir de então  
como uma rosa  
que pertenceria para sempre  
à minha mãe

Eu bebera  
o sangue da Medusa  
no escuro,  
vira a cara dela,  
mas,  
ao contrário de Perseu,  
tornei-me no noivo cego  
de admiração  
insondável

Depois disso sempre que ela começava a beber,  
eu ficava em casa com ela.  
Ela era o luar.  
Ela era a escuridão.

Enquanto os meus amigos de infância se gabavam de  
ver as cuecas desta ou daquela,  
eu ia para casa para estar com a minha mãe.

A minha primeira detenção ocorreu na escola secundária:

uma arma.

A minha segunda detenção:

uma arma, etc.

Pertencia a um clube chamado

Os Jovens Demónios.

Gostávamos de armas,

drogas e território.

A minha vida era reabilitações,

Detenções e prisões.

Chatos

Sífilis

Hepatite

E finalmente

Os manicómios:

Estes eram os muros de insónia

Onde Dante se tornou incontinente e débil e

Girava o seu pénis asiático de 46 centímetros;

Onde Deus se sentava numa antiga cadeira eléctrica

Pregando o Evangelho de um céu feito de ferro;

Onde médicos e advogados

Queimavam a própria cara com cigarros acesos;

Onde os excrementos humanos eram sabão

E os doentes tiravam fios imaginários das suas gargantas;

Onde as nuvens do céu podiam ser compradas com um broche.

### **This Is a Poem About My Life** <sup>34</sup>

the grapes

remind me of the whales

gathering salt for the ocean

---

<sup>34</sup> Poema de *Inventory: New & Selected Poems* (1997).

**this is a poem about my life**

you've interrupted  
my life and death schedule  
which gives me that poetic look each day

**this is a poem about my life**

where was I before I met you?  
I was eroding on my way to work  
and slept a lot  
deep in the subways

**this is a poem about my life**

then I met your lips  
on that windy day  
I stopped poisoning my life  
on Monday mornings

**this is a poem about my life**

when I met you  
you were undressed  
like a stone in the rain  
I swam after utterly naked

**this is a poem about my life**

before you leave me to heal  
I will find you someone to love  
who will be shaped like a box

**this is a poem about my life**

before you leave me to heal  
I will become an apple  
and hide in a clock

**this is a poem about my life**

I will plant these wild lines  
they will grow into honey  
and weep in spring  
for you

2.14.94

**Este Poema É Sobre a Minha Vida**

as uvas  
lembram-me baleias  
a reunir sal para o oceano

**este poema é sobre a minha vida**

interrompeste  
o calendário da minha morte e da minha vida  
que me dá o olhar poético de cada dia

**este poema é sobre a minha vida**

onde estava antes de te conhecer?  
a desgastar-me a caminho do trabalho  
e a dormir imenso  
nas profundezas do metropolitano

**este poema é sobre a minha vida**

depois encontrei os teus lábios  
naquele dia de vento  
e deixei de envenenar a minha vida  
às segundas de manhã.

**este poema é sobre a minha vida**

quando te conheci  
estavas despida  
como uma pedra na chuva  
nadei atrás de ti absolutamente nu

**este poema é sobre a minha vida**

antes de me deixares para eu sarar  
encontrar-te-ei alguém para amares  
que terá a forma de uma caixa

**este poema é sobre a minha vida**

antes de me deixares para eu sarar  
transformar-me-ei numa maçã  
e esconder-me-ei num relógio

**este poema é sobre a minha vida**

semeari estas linhas selvagens  
elas tornar-se-ão mel  
e na primavera choraão  
por ti

**Children of the Fish** <sup>35</sup>

*For Matt & Christophe*

Do fish stare at the stars?  
Do they take care of their children as well as I do?  
Do they call their children everyday?

---

<sup>35</sup> Poema de *Inventory: New & Selected Poems* (1997).

Do they know where their children are?

I'm obsessed with my creations:

My son is a monster  
who consumes Money,  
food and music paper.

When my daughter look at me,  
my heart becomes an orphan  
safe from the past and the future.

3.8.94

## **Filhos dos Peixes**

*Para o Matt e a Christophe*

Os peixes fitam o céu?  
Cuidam tanto dos seus filhos como eu?  
Telefonam-lhes todos os dias?  
Sabem por onde eles andam?

Sou obcecado pelas minhas criações:

O meu filho é um monstro  
que devora Dinheiro,  
comida e papel de música.

Quando a minha filha olha para mim,  
o meu coração torna-se num órfão  
a salvo do passado e do futuro.

8.3.94

### **Tattoo**<sup>36</sup>

I have a picture of you  
tattooed on the palm of my hand.

I keep that hand on my lap  
on my way to work in the subway,  
and often wonder if anyone  
notices that I'm staring at you,

---

<sup>36</sup> Poema de *Inventory: New & Selected Poems* (1997).

because I remember sleeping  
with you in my hand  
the night before.

My other hand has an eye  
that stares at you  
when I take a shower.  
The hand with your picture  
likes to scratch my head  
because you once said  
you liked my hair.

When my hand,  
the one with the eye,  
answers the phone  
when you call,  
it blinks  
and is overjoyed  
to hear your voice  
because your picture  
cannot talk to it  
when I rub both  
my hands together.

And if I were to die  
without seeing you again,  
if I were to die before  
I could spend the rest  
of my life with you,  
the hand with the eye  
would lie across my chest  
upon my heart  
and the one with your picture

would cover my eyes  
and both would dream  
of you.

3.29.94

## **Tatuagem**

Tenho uma imagem tua  
tatuada na palma da mão.

Mantenho essa mão no meu colo  
no caminho para o trabalho no metropolitano,  
e muitas vezes me pergunto se alguém  
repara que estou a olhar para ti,  
porque me lembro de dormir  
contigo na minha mão

na noite anterior.

A minha outra mão tem um olho  
que te encara  
quando tomo duche.

A mão com a tua imagem  
gosta de me coçar a cabeça  
porque uma vez disseste  
que gostavas do meu cabelo.

Quando a minha mão,  
a que tem o olho,  
atende o telefone  
quando telefonas,  
ele pisca  
e fica doido de alegria  
por ouvir a tua voz  
porque a tua imagem  
não pode falar com ele  
quando esfrego ambas  
as minhas mãos.

E se eu tivesse de morrer  
sem te voltar a ver,  
se eu tivesse de morrer antes  
de poder passar o resto  
da minha vida contigo,  
a mão com o olho  
repousaria no meu peito  
sobre o meu coração  
e a que tem a tua imagem  
cobrir-me-ia os olhos  
e ambas sonhariam

contigo.

29.3.94

**Orfeo**<sup>37</sup>

*To my friends*

Each hair is a poem I gave my son  
Each hair is my allowance from the universe  
Each hair is a sunspot on someone's broken heart

The secrets that emerge from the psyche have no floor  
They will get off on any floor when you least expect them to  
They wear shadows that look like my mother

---

<sup>37</sup> Poema de *Inventory: New & Selected Poems* (1997).

She could stop God but could not make it snow  
She said the weather was a work of art  
Like the last streak of wonder  
In Medea's heart

You don't have to watch human  
Sacrifice on television  
Shut your window  
Lock the door  
Wait for yourself  
In the corner  
In the night  
In the little house  
That holds your tears

There is no piano  
Just your green velvet  
And the years you spent in Russia  
As a little box in your mother's womb  
With all her curses and her dreams of men

When I write poetry I hear voices:  
Kenneth Koch rubbing his forehead  
David Shapiro swatting words  
Frank O'Hara blowing his nose  
Philip Bryant smiling upon me  
Neruda drinking red wine  
Lorca hailing a cab in New York  
Vallejo walking in Paris  
Ron Padgett calming the world  
Ted Berrigan dignifying wise-guy poetry  
Joe Ceravolo on the radio with  
Melanoma in the milky sky

Are you asleep?

No

Chopin is asleep on our new sofa

He is wasting his life away

His health looks like a dirty window

His heart has a broken leg

His breathing will go to the grave with him

I'm not one to part

I'm not one to hide my feelings

I'm the end of the corridor in your hands

This is a song of war

Because love is music

And its ferocious notes

Are oars that pull us apart

Death is incredible

It is man made

We change the names of the dead

When we bury them

In time they look back at us

And see us

The living

Like old doors in the wind

In the beginning there were small islands

Floating on poetry

These islands belonged to Joe Ceravolo

Joe's words are the body parts of poetry

Like the little children of the fireflies

Who set songs on fire when we cry

There is work to do on top of the forest

There are too many words on top of the forest

They are obscuring our conversation  
If the trees aren't pruned our words will never reach  
Their destination:  
The telephones that hate love  
And protect the dead from living

Will my daughter dress like Venus  
Wrapped in exaggerated hopes?  
Will the pill invent love for her?  
Will her life take place on a  
Mental and spiritual planet?

Yes

No

My daughter is a seed full of steam  
Leaving me behind like a bad marriage

Helen Helen

My Helen of Troy

Once I placed a kiss on a spider's web

Because there is no evil in nature

The spider laughed

Now the kiss is as free as an insect

And the better part of our love

My other marriages were like the four seasons

That come and go

They have left me small stones

That spend their nights on the balcony of life

Watching Pathos and Comedy celebrate their wedding

Tonight I will write poetry

I will pile the world on my pillow

Like a paramilitary sous chef

Toss an avalanche of flowers

With sunlight and olive oil.

(David Shapiro)

4.25.94

## **Orfeo**

*Aos meus amigos*

Cada cabelo é um poema que dei ao meu filho

Cada cabelo é a mesada que recebo do universo

Cada cabelo é uma mancha de sol no coração partido de alguém

Os segredos que emergem da psique não têm chão

Levantar-se-ão de qualquer chão quando menos esperares

Usam sombras que se parecem com minha mãe

Ela conseguia deter Deus mas não fazer nevar

Ela disse que o tempo era uma obra de arte

Como o derradeiro traço de estupefação

No coração de Medeia

Não tens de assistir ao sacrifício

Humano na televisão

Fecha a janela

Tranca a porta

Espera por ti mesmo

Na esquina

Na noite

Na pequena casa

Que te segura as lágrimas

Não há piano nenhum

Apenas o teu veludo verde

E os anos que passaste na Rússia

Como uma caixinha no ventre da tua mãe

Com todas as suas maldições e os seus sonhos de homens

Quando escrevo poesia ouço vozes:

Kenneth Koch a esfregar a testa

David Shapiro a golpear palavras

Frank O'Hara a soprar o seu barulho

Philip Bryant a sorrir sobre mim

Neruda a beber vinho tinto

Lorca a chamar um táxi em Nova York

Vallejo a caminhar em Paris

Ron Padgett a acalmar o mundo

Ted Berrigan a dignificar a poesia dos espertalhões

Joe Ceravolo na rádio com um

Melanoma no céu estrelado

Estás a dormir?

Não

Chopin está a dormir no nosso sofá novo  
Está desperdiçar a vida dele  
A sua saúde parece uma janela suja  
O seu coração tem uma perna partida  
A sua respiração irá com ele para o túmulo  
Não sou de me ir embora  
Não sou de esconder os meus sentimentos  
Sou o fim do corredor nas tuas mãos  
Esta é uma canção de guerra  
Porque o amor é música  
E as suas notas ferozes  
São remos que nos separam

A morte é incrível  
É feita pelo homem  
Mudamos os nomes dos mortos  
Quando os enterrarmos  
Com o passar do tempo, eles olham para nós  
E vêem-nos,  
A nós, os vivos,  
Como velhas portas ao vento

No início havia pequenas ilhas  
flutuando na poesia  
Essas ilhas eram do Joe Ceravolo  
As palavras do Joe são as partes do corpo da poesia  
Como os filhinhos dos pirilampos  
Que incendeiam as músicas quando choramos

Há trabalho a fazer no cimo da floresta  
Há demasiadas palavras no cimo da floresta  
Elas obscurecem a nossa conversa  
Se as árvores não forem podadas as nossas palavras nunca chegarão ao

Seu destino:

Os telefones que odeiam o amor

E protegem os mortos de viver

A minha filha vestir-se-á como Vénus

envolta em esperanças exageradas?

A pílula inventará o amor para ela?

A vida dela terá lugar num

Planeta mental e espiritual?

Sim

Não

A minha filha é uma semente cheia de vapor

Que me vai deixando para trás como a um mau casamento

Helena Helena

Minha Helena de Tróia

Um dia dei um beijo numa teia de aranha

Porque não há maldade na natureza

A aranha riu-se

Agora o beijo é tão livre quanto um inseto

E a melhor parte do nosso amor

Os meus outros casamentos foram como as quatro estações

Que vão e vêm

Deixaram-me pequenas pedras

Que passam as noites na varanda da vida

A ver o casamento do Pathos com a Comédia

Esta noite escreverei poesia

Empilharei o mundo no meu travesseiro

Como um *sous chef* paramilitar

Lançarei uma avalanche de flores

Com luz do sol e azeite.

(David Shapiro)

**Incidents of Travel in Poetry** <sup>38</sup>

*Happy Birthday Kenneth Koch/Feb 27*

We went to all those places where they restore sadness and joy  
and call it art. We were piloted by Auden who became  
Unbearably acrimonious when we dropped off Senghor into the  
steamy skies of his beloved West Africa. The termites and ants  
were waiting for him to unearth the sun in Elissa. The clouds  
were as cool as a dog's nose pressed against our cheeks. I  
notice your eggshell skin is as creamy as a lion's armpit as we  
cross the horizon on strands of Yeats' silver hair. There is a  
light coffee flame in his eyes guiding us like an old Irish house

---

<sup>38</sup> Poema de *Incidents of Travel in Poetry* (1998 - 2002).

cleaner holding a candle in a black and white English movie. Yeats' lips look like an angry Rimbaud illuminating poetry with his youth and vigorous sunlight. He knew eternity would vanish the sun at dusk. He caught it with a rainbow tied to his finger. There was nothing left after that. We cross the equator heading north following Emily Dickinson's black bag containing stems of her longer poems preserved in darkness and memory like wild pearls thrown overboard to avoid capture by Spanish pirates. The islands below float by like water hearts in a child's aquarium. We are candy wrappers being blown across the waxed floors of poetry. We land on the Brooklyn Bridge. Whitman's past-port face is grinning at the nineteenth century in the thorny arms of Gerard Manley Hopkins whose head was set on fire by God's little hands. The hands that circumcised the world. Gertrude Stein is a match flaring on a young woman's pillow whose birthmarks have been stolen. We cross the green Atlantic into World War One. We are met by Rilke dressed in his Orpheus uniform wearing white sonnet gloves that once belonged to a stone angel. Rilke offers us a glass of *amontillado* made from Lorca's private stock of gypsy tears. The sherry is not quite as dry as Wallace Stevens' lush mango metaphors of familiar objects. Although Stevens' poems are fragrant, there is a lingering afterthought of Pound on the tongue. Pound collected his misty feelings to make raindrops into European and American poetry. Vagueness became as sharp as a pencil. Our blue box is not allowed to attend Apollinaire's birthday party held by the august Académie française on the Eiffel Tower. He is being awarded the "Golden Frog Souffle Award" and a one-way ticket to the Greek and Roman past to spend afternoons with Williams filling wheelbarrows with the twentieth century. Both Apollinaire and Williams could hail a cab on Madison Avenue in any country. After the bash we toured Paris and London with D.H. Lawrence

who kept stopping to relieve himself of the great mysteries of life whenever we went by a Bavarian gentian plant. He claimed he was writing poetry for his new book: Acts of Attention for Love Poems. Eliot was rebuilding London when we left. It reminded him of Detroit or Cincinnati or Saint Louis. He was removing despair from the weather. He thought it affected people's minds and did not want to overload Mayakovsky's emptiness with old English churches that pray for water heaters and cloudless nights. Mayakovsky, on the other hand, insisted there were bugs in Russia who could write poetry just as interestingly as Eliot. The Russian winter is elegant cruelty compared with the English milk-toast weather: "A man without a cloud in his trousers is not a man." Eliot thought this was the most boring statement he had ever heard. Although Cummings' poems appear unintentional on the surface, he did not act like a drunken amputee at the dinner table and always said pleasant things that came out of nowhere. His conversation was experimental but logical and he investigated words, mixing them on paper with a pencil. Cummings was all etcetera after a few drinks. We move the sun to South America. Neruda had become an organic poet writing about the fulcra of yes and no. He wasn't home when we got there, so we went over to Allen's for some microbiotic poetry. As usual, Allen was rolling incense and howling at America. Allen was always mystical and beautiful when he walked on the Lower East Side. When he stepped into the old Jewish pavement, he mystified the habitués. David Shapiro, the Djinn of subatomic poetry, asked Allen what was the future of poetry in the borough of Queens? Allen placed the palm of his right hand on David's glistening forehead and said: "David, don't you know? The future has no future. It is very old and doesn't worry about its future anymore, because it has so little left of it." Allen made suicide exhilarating when he wrote Kaddish.

Finally, suicide could talk about the pain of living with unbearable beauty. Beauty was Frank O'Hara talking to Second Avenue with a diamond in his head. We were the personal details in Frank's harem of private lives when LeRoi insisted on becoming black, abandoning us for a noble cause, according to Frank, who loved Imamu Amiri Baraka. We were the details in Frank's poems and living one's life was a detail in Frank's life. John Ashbery arrived from Paris on a plane made of expensive suits, shirts, and ties. Like his poems, he was sparkling and squeaky clean, dressed in elegant language. He is the daydream that had become a poet. His subject is to have no subject. Perhaps a casual reference to someone special. He is a poet of the less obvious in life: the sestina made of clouds. We crossed the equator on our way to a cocktail party for Gary Snyder. There is no other life for his outdoor poems, hitchhiking on hands-on love. Gary seems to have time to write poems about the notes in his life. Kenneth, on the other hand, has a paper cup full of wonderful poems. He can write a poem about a cathedral living in a paper cup. Kenneth travels everywhere with his paper cup. At a certain time of day, Kenneth finds room in his paper cup for perfect days and perfect moments:

Perfect moments when Frank spoke to us.  
Perfect moments when Allen spoke to us.  
And they sang to us  
with human wings  
upon which we sleep.

10.7.97

## Acidentes na viagem da poesia

*Feliz Aniversário Kenneth Koch / 27 de fevereiro*

Fomos a todos esses lugares onde tristeza e alegria são restaurados e chamados de arte. Fomos pilotados por Auden, que se tornou Insuportavelmente amargo quando deixámos Senghor e voámos sob os céus húmidos da sua bem-amada África Ocidental. As térmitas e as formigas aguardavam-no para desenterrar o sol em Elissa. As nuvens eram tão frias como o nariz de um cão pressionado contra as nossas bochechas. Eu reparo que a tua pele de casca de ovo é tão macia como a axila do leão enquanto cruzamos o horizonte nas mechas dos cabelos prateados de Yeats. Há uma pequena chama de café nos seus olhos que nos guia como a empregada de uma velha [casa irlandesa segurando uma vela num filme inglês a preto e branco.

Os lábios de Yeats parecem um Rimbaud zangado iluminando a poesia com a sua juventude e vigorosa luz solar. Ele sabia que a eternidade faria desaparecer o sol ao entardecer. Apanhou-o com um arco-íris amarrado ao dedo. Não sobrou nada depois disso. Atravessamos o equador em direção ao norte na peugada da bolsa preta de Emily Dickinson que contém caules dos seus poemas mais longos conservados em escuridão e memória como pérolas selvagens atiradas pela borda fora para não serem capturadas por piratas espanhóis. As ilhas abaixo flutuam como corações de água no aquário de uma criança. Somos pratas de chocolates que o vento sopra sobre o soalho encerado da poesia. Aterramos na Ponte do Brooklyn. O rosto do passado de Whitman sorri num esgar para o século XIX nos braços espinhosos de Gerard Manley Hopkins cuja cabeça foi incendiada pelas mãozinhas de Deus. As mãos que circuncidaram o mundo. Gertrude Stein é um fósforo queimando o travesseiro de uma jovem mulher cujas marcas de nascença foram roubadas. Atravessamos o Atlântico verde pela Primeira Guerra Mundial dentro. Somos recebidos por Rilke vestido com o seu uniforme de Orfeu envergando luvas brancas de soneto que em tempos pertenceram a um anjo de pedra. Rilke oferece-nos um copo de *amontillado* feito da reserva particular de lágrimas ciganas de Lorca. O xerez não é tão seco quanto as exuberantes metáforas de manga de Wallace Stevens de objetos familiares. Embora os poemas de Stevens sejam perfumados, há um vestígio de Pound que se demora na língua. Pound reuniu os seus sentimentos nebulosos para transformar em gotas de água em poesia europeia e americana. A imprecisão tornou-se tão afiada como um lápis. À nossa caixa azul não foi permitido estar presente na festa de aniversário de Apollinaire realizada pela augusta *Académie française* na Torre Eiffel. Está a receber a «Medalha de Ouro do Souffle Franciú» e uma passagem só de ida ao passado grego e romano para passar as tardes com Williams enchendo o carrinho-de-mão com o século XX. Tanto Apollinaire como Williams poderiam chamar um táxi na Madison Avenue em qualquer país. Depois da festa passeámos por Paris e Londres com D.H. Lawrence

que parava o tempo todo para se aliviar dos grandes mistérios da vida sempre que passávamos por uma genciana da Baviera. Alegou que estava a escrever poemas para seu novo livro: *Atos de Atenção para Poemas de Amor*. Eliot estava a reconstruir Londres quando partimos. Lembrava-lhe Detroit, Cincinnati ou Saint Louis. Ele estava a remover o desespero do clima. Pensou que isso afetava as mentes das pessoas e não queria sobrecarregar o vazio de Maiakovski com velhas igrejas inglesas que rezam por aquecedores de água e noites sem nuvens. Maiakovski, em contrapartida, insistia que havia insetos na Rússia que conseguiam escrever poesia tão interessante como a de Eliot. O inverno russo é crueldade elegante comparado com o clima inglês de torrada com leite: «Um homem sem uma nuvem nas calças não é homem». Eliot pensou que esta era a afirmação mais chata que alguma vez ouvira. Embora os poemas de Cummings parecerem à primeira vista não intencionais, ele não agiu como um amputado bêbado na mesa de jantar e sempre disse coisas agradáveis que surgiram do nada. A conversa dele foi experimental mas lógica e investigou palavras, misturando-as no papel com um lápis. Cummings era todo etcetera depois de algumas bebidas. Movemos o sol para a América do sul. O Neruda tinha-se tornado um poeta orgânico escrevendo sobre os fulcros do sim e do não. Não estava em casa quando lá chegámos, por isso fomos à do Allen para um pouco de poesia microbiota. Como de costume, o Allen estava a enrolar incenso e a uivar para a América. O Allen sempre foi místico e belo quando caminhava no Lower East Side. Quando pisou o velho chão judaico, encantou quem lá costumava estar. David Shapiro, o Djinn da poesia subatómica, perguntou a Allen qual era o futuro da poesia no bairro de Queens? O Allen colocou a palma da mão direita na testa brilhante de David e disse: «David, tu não sabes? O futuro não tem futuro. Está muito velho e não se preocupa mais com seu futuro, porque lhe resta tão pouco». O Allen tornou o suicídio emocionante quando escreveu o *Kaddish*.

Finalmente, o suicídio poderia falar sobre a dor de viver com a beleza insuportável. Beleza era o Frank O'Hara a falar com a Segunda Avenida com um diamante na cabeça. Nós éramos os detalhes pessoais no harém de vidas privadas do Frank quando o LeRoi insistiu em tornar-se negro, abandonando-nos por uma causa nobre, segundo Frank, que amava Imamu Amiri Baraka. Éramos os detalhes nos poemas do Frank e viver a vida era um detalhe na vida de Frank. John Ashbery chegou de Paris num avião feito de fatos, camisas e gravatas caros. Tal como os seus poemas, ele era brilhante e cintilante de limpo, vestido de linguagem elegante. Ele era o sonho acordado que se tornara poeta. O seu assunto é não ter assunto. Talvez uma referência casual a alguém especial. Ele é o poeta do menos óbvio da vida: uma sextilha feita de nuvens. Atravessámos o equador a caminho de uma festa para o Gary Snyder. Não há outra vida para os seus poemas sobre o ar livre, as boleias na prática do amor. Gary parece ter tempo para escrever poemas sobre as notas da sua vida. O Kenneth, por sua vez, tem um copo de papel cheio de poemas maravilhosos. Pode escrever um poema sobre uma catedral vivendo num copo de papel. O Kenneth viaja para todo o lado com o seu copo de papel. A certa hora do dia, o Kenneth encontra espaço no seu copo de papel para dias perfeitos e momentos perfeitos:

Momentos perfeitos quando o Frank falou connosco.  
Momentos perfeitos quando o Allen falou connosco.  
E cantaram para nós  
com asas humanas  
sobre as quais dormimos.

7.10.97

**Byron** <sup>39</sup>

I put my hand  
Into the dream  
That falls upon  
The air. It  
Touches me a little,  
But I don't complain.  
I'm almost asleep  
When I get there.  
Where Byron  
Lost the scent of his  
Life, over there,  
Where the dreams are.  
It's always

---

<sup>39</sup> Poema de *Incidents of Travel in Poetry* (1998 - 2002).

Hot, like  
The eyes of the  
Dream. Sometimes  
The dream is  
On the dunes  
Watching the molten  
Ocean burn the sun.  
The dream scours the  
Sand in your fish  
Tank for the plastic  
Mermaid who is gaining  
weight. Nevertheless,  
We go to the edge  
To watch the dream  
And the repetition being  
Hurled ashore like  
A drop of blue,  
You wrote in a poem,  
In a language  
You alone  
Understand  
In the dream.

## **Byron**

Ponho a minha mão  
No sonho  
Que cai  
Pelo ar. Ele  
Toca-me ao de leve,  
Mas eu não reclamo.  
Estou quase a dormir  
Quando lá chego.  
Onde Byron  
Perdeu o cheiro da sua  
Vida, lá,  
Onde estão os sonhos.  
Está sempre  
Calor, como  
Nos olhos do

Sonho. Às vezes  
O sonho está  
Nas dunas  
A ver fundido  
O oceano incendiar o sol.  
O sonho esfolia  
O teu tanque de peixes  
Com areia para a sereia  
De plástico que está a ganhar  
peso. Apesar disso,  
Vamos para a orla  
Ver o sonho  
E a repetição serem  
lançados para terra como  
Uma gota de azul,  
Escreveste tu num poema,  
Numa língua  
Que só tu  
Entendes  
No sonho.

**Frank O'Hara** <sup>40</sup>

My heart wears a pair  
Of shoes that once belonged  
To a young poet.

Whose blood was as fresh  
As water.  
Whose seatbelt was the hair  
Of a beautiful woman.

Who slept in a thousand dreams  
Made of beds.  
Who had a friend whose heart  
Was a kite tied to a string

Who was eaten by a taxi

---

<sup>40</sup> Poema de *Incidents of Travel in Poetry* (1998 - 2002).

Lost on a bench of fire

My dear friend still comes to me

After all these years.

To die once again and to stare

At the holes in my heart.

4.19.98

### **Frank O'Hara**

O meu coração usa um par

De sapatos que em tempos pertenceu

A um jovem poeta.

Cujo seu sangue era fresco

Como água.

Cujo cinto de segurança era o cabelo

De uma bela mulher.

Que dormiu em mil sonhos

Feitos de camas.

Que tinha um amigo cujo coração

Era um papagaio atado a uma corda

Que foi comido por um táxi

Perdido num banco de fogo

O meu querido amigo ainda vem até mim  
Passados todos estes anos.  
Para morrer mais uma vez e fitar  
Os buracos do meu coração.

19.4.98

### Heckyll & Jeckyll <sup>41</sup>

Crows see us as another invention.  
Like summer and beauty,

They shimmer at sunrise in their new cars,  
Change their names and color when they see us.

When they fly, they're the bite marks on the sun,  
And nail-scratches of black against the sky.

We matter little to them as we are.  
They prefer hamburger, youth,

Oxygen and mineral water.  
And, of course, we sell our souls to a passing crow,

Because we're shiny things they take to heaven.

Crows are always polite to humans.  
They have lots of money

And live at a party that never ends.  
We're the junk genes they left behind,

---

<sup>41</sup> Poema de *Incidents of Travel in Poetry* (1998 - 2002).

That play Aztec football with our heads,  
When we dream and lose.

Crows have relatives everywhere.  
Human warfare moves across the sky

Making more room for them to fly.  
We're just a meal in the next world.

We're the hole in the sky.

Crows are legends and instructors of grace.  
They are the dots in the fog,

And the flight of the uterus.

Crows are the printed warnings  
Of a wasted life.

They will never leave or abandon us.

When we take our last breath,  
Navigating through our mistakes and lies,

The crows will take our last word.

We are the last citizens of a pale race of crows,  
Rearranging the furniture in the mind of God.

Crows turn the planet on its axis when we die,  
And do nothing to the body we'll remember.

Our souls are their meal of the day.

And the blue marble in its beak,

As it flies away,  
Is the world leaving you.

8.4.99

## Heckyll & Jeckyll

Os corvos vêem-nos como mais uma invenção.

Como o verão e a beleza,

Brilham ao nascer do sol nos seus carros novos,

Mudam de nomes e cores quando nos veem.

Quando voam, são marcas de trincas no sol,

E arranhões pretos de unhas no céu.

Pouco lhes importa como somos.

Eles preferem hambúrgueres, juventude,

Oxigênio e água mineral.

E, claro, vendemos as nossas almas a um corvo que passa,

Porque somos coisas brilhantes que eles levam para o céu.

Os corvos são sempre educados com os humanos.

Eles têm imenso dinheiro

E vivem numa festa que nunca acaba.

Somos os genes-lixo que eles deixaram para trás,

Os que jogam futebol asteca com a nossa cabeça,

Quando sonhamos e perdemos.

Os corvos têm familiares em todo o lado.

A guerra humana atravessa os céus

Abrindo mais espaço para eles voarem.

Não passamos de uma refeição no outro mundo.

Somos o buraco no céu.

Os corvos são lendas e instrutores de elegância.

São pontos no nevoeiro,

E a fuga do útero.

Os corvos são avisos impressos

De uma vida desperdiçada.

Eles nunca nos vão deixar ou abandonar.

Quando dermos o nosso último suspiro,

Navegando pelos nossos erros e mentiras,

Os corvos levarão a nossa última palavra.

Somos os últimos cidadãos de uma pálida raça de corvos,

Reorganizando os móveis na mente de Deus.

Os corvos fazem o planeta girar no seu eixo quando morremos,

E não fazem nada de que venhamos a lembrar-nos aos nossos corpos.

As nossas almas são a sua refeição diária.

E o mármore azul no seu bico,

Enquanto voa para longe,

É o mundo a deixar-te.

4.8.99

**Juarez**<sup>42</sup>

These empty words are so remote. They are stories someone wants  
To believe at the end of the century. Everyone gathers their sea of telluric  
Pain to greet the beginning of the new world.

Cars stop and watch the deck chairs limp across the street to await  
The coming of the new year. It is the end of summer and autumn and  
Winters and springs, and panzer infatuation.

After four hundred eighty-one years, I cannot pull out the Spanish arrow  
In my eye. Suddenly everything I knew was inhuman:  
The oceans, the tadpoles in their new cars. The clams became  
Cheerleaders. The palm trees, strippers, and everyone forgot,  
Deer are the shapes of God.

His official language became Latin, when he ceased to be a Jew,  
Biting his nails and collecting cans like a cheap minister with sunny gold teeth.  
The tender years that once wore oysters would never speak to Him again.

The female spider became a lesbian, devouring our new long legs,  
That would never again climb the toy steps our fathers left us. Although  
Our legs are hairy and the lilies of a theater, the gentle lips of  
Our pyramids rest on our souls like a lover's fingers.

---

<sup>42</sup> Poema de *Incidents of Travel in Poetry* (1998 - 2002).

How many aspirins will we take to reach the surface of truth?

My existence is for sale. The dawn is learning English.

The waves of the sea are unionizing.

The stones that were once our troubled hearts are eating chocolate.

I come to sell you fish, the bread in my blood and my existence.

10.17.99

### **Juárez**

Estas palavras vazias são tão remotas. São histórias em que alguém quer

Acreditar no fim do século. Todos reúnem o seu mar de telúrica

Dor para saudar o início do novo mundo.

Os carros param e observam as cadeiras a coxear pela rua para aguardarem

A chegada do novo ano. É o fim do verão e do outono e

Dos invernos e das primaveras, e da paixão *panzer*.

Passados quatrocentos e oitenta e um anos, não consigo arrancar a flecha espanhola

Do meu olho. De repente tudo o que eu sabia era desumano:

Os oceanos, os girinos nos seus carros novos. As amêijoas transformaram-se em

Majorettes. As palmeiras, strippers, e todos esqueceram que

Os cervos são as formas de Deus.

O latim tornou-se a língua oficial d'Ele, quando deixou de ser judeu,

Roendo as unhas e recolhendo latas como um reles pastor com dentes dourados como o sol.

Os anos tenros que em tempos envergaram ostras não voltariam a falar com Ele.

A aranha fêmea tornou-se uma lésbica, devorando as nossas novas pernas longas,

Que jamais voltariam a subir os degraus de brincar que os nossos pais nos deixaram.

Embora

As nossas pernas sejam peludas e lírios de um teatro, os ternos lábios das  
Nossas pirâmides repousam nas nossas almas como os dedos de uma amante.

Quantas aspirinas tomaremos para alcançarmos a superfície da verdade?

A minha existência está à venda. A aurora está a aprender inglês.

As ondas do mar sindicalizam-se.

As pedras que em tempos foram os nossos corações inquietos estão a comer  
chocolate.

Venho vender-vos peixe, o pão no meu sangue e na minha existência.

17.10.99

### **Bright Blue Self-Portrait** <sup>43</sup>

I thank the spiders' webs and the circus dancers who stain our eyes with  
Rapid movements and authorize our handcuffs to make no distinction  
Between night and day or love and hate.

No one will know the sum of our arduous daily separations from bed to

Work. These pillars actually belong to you since I have not counted them  
Or know any more than you do where they are or in what country they  
Still exist. We can put all our concerns into a loaf of bread and French  
Kisses, go to movies and watch the splashing milk on the screen imitate

The forest in the moonlight. Why all the fuss about the patrons becoming  
Feathers, discharging their ideas of nobility on the evening news? There  
Are no lights in the theater just soft snow from the balcony that is the  
Little red schoolhouse where all this began.

Actually it was because of you I did not attend as often as I should have.  
I was too embarrassed to face you across the clay modeling tables since I  
Always felt like the clay in your hands was a cartoon version of my teen  
Years, dear slippery-fish ladies of the sleepy west.

Don't forget, my early life will be yours, too,  
With its self-descriptions of poetic justice,  
The tiny creatures we write about can describe themselves in the moss

---

<sup>43</sup> Poema de *Incidents of Travel in Poetry* (1998 - 2002).

We leave behind.

12.5.02

### **Autorretrato Azul-Claro**

Agradeço às teias de aranha e às dançarinas de circo que mancham os nossos olhos

[com

Movimentos rápidos e autorizam as nossas algemas a não fazer distinção

Entre a noite e o dia ou o amor e o ódio.

Ninguém saberá quantas são as nossas árduas separações diárias da cama para o

Trabalho. Realmente estes pilares pertencem-vos dado que nunca os contei

Nem melhor que vós sei onde eles estão ou em que país eles

Ainda existem. Podemos pôr todas as nossas preocupações num pedaço de pão e em

Beijos na boca, ir ao cinema e ver o leite que espirra da tela imitar

A floresta ao luar. Porquê todo o alarido sobre os patronos se tornarem

Penas, divulgando as suas ideias de nobreza no noticiário da noite?

Não há luzes no cinema apenas neve fofa da varanda que é a

Pequena escola vermelha onde tudo isto começou.

Na verdade, foi por vossa causa que não a frequentei tanto quanto deveria.

Tinha demasiado vergonha para vos encarar através das rodas de oleiro pois eu

Sempre senti que a argila nas vossas mãos era um desenho animado da minha

[adolescência,

Queridas senhoras escorregadias como peixes do oeste sonolento.

Não vos esqueceis, a minha infância será vossa, também,

Com as suas auto-descrições de justiça poética,

As minúsculas criaturas sobre as quais escrevemos podem descrever-se a si mesmas no

[musgo

Que deixamos para trás.

5.12.2002